

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Setembro de 1995

Nº. 9



IMPRESSO

96 - CONRAD BRANDES
CAIXA POSTAL, 152
BLUMENAU - SC
89010-971

S=0022

BRASIL



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO:

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Setembro de 1995

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Um pouco de Campos Novos — Theobaldo Costa Jamundá	258
Um Luso Brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	260
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	267
Figura do Passado — S. C. Wahle	269
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	272
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	273
Aconteceu... — Agosto de 1995	276
A Escravidão no Brasil — Elly Herkenhoff	279
Memória Histórica de Vitoriosa Colonização — Toni Vidal Jochem	283
Registros de Tombo de Rodeio (VI) — Pe. Antônio Francisco Bohn	286
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges	288

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável : José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 15,00

Número avulso R\$ 4,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 35,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone : 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA : Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ : Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

Um pouco de Campos Novos

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

Está circulando nas estantes dos interessados em Cultura e Bibliografia catarinenses, o livro de **PAULO BLASI Campos Novos Um Pouco de Sua História**. — Inteiro o livro é uma retrospectiva fertilizada pela gratidão filial dosada pela sensibilidade telúrica dominante. O autor está refletido na paisagem humana do seu Campos Novos de um tempo poemático.

Ele aparece na autoria, exatamente, por que todo livro, obrigatoriamente, tem um autor. Percebe-se entretanto que é um composto de estilhaços de lembranças. E essas sendo ingredientes da receita para a homenagem em forma de livro. E livro com lugar certo no arquivo bibliográfico brasileiro setor de Santa Catarina. (Santa Catarina Terra, Gente e Paisagem humana).

O livro aparece denunciando-se numa emocionalidade que romaneja a História ou esta enriquece a História. E não precisa esforço para sentir a ouriversaria da Memória anunciante como diz o lembrado desembargador Cid C. de Almeida Pedroso: "ASSIM, PRESTAM OS FILHOS UMA GRATIFICANTE HOMENAGEM A SEU QUERIDO PAI."

Crochê tecido por parentescos e vizinhos, Paulo Henrique Blasi (filho de Paulo Blasi, 1891-1957) mais o Aluizio e o Francisco (Blasi também) costuraram a atualização dos originais recebidos na herança. E por darem a arte final do "Infólio", possibilitaram: (1) Valorização do manuscrito de Paulo Blasi; (2) O conhecimento dos subsídios identificadores do camponovense; (3) Fomento da motivação para localizar e divulgar raízes pioneiras, e perfilar os pioneiros; (4) Aparecimento de fonte informativa esclarecedora das assemelhações caracterizadoras da paisagem humana chamada Campos Novos; (5) Entendimento do quê e porquês con-

vergentes e também componentes da Identidade cultural camponovense.

Este livro veste as invenções inventadas pela vida comunitária como a História catarinense que não estava escrita. Pela dimensão é fração microrregional mas para o camponovense é enciclopédico painel: está ele ufanado no orgulho de ser do pedaço brasileiro-terra-catarinense por onde ontem, muito ontem, espanhóis, jesuítas e o bandeirante Raposo Tavares (Português, 1598-1658) gastaram solas de alpargatas e botas; e muito para cá daqueles idos gente da Europa como o italiano de Consenza (Calábria) Francisco Blasi rapaz de 24 anos pisou o chão escolhido para ficar. **Considere-se que naquele ano de 1882, Blumenau já desfrutava a categoria de município com dois anos de idade. E a sua marcha para o progresso era impulsionada por 992 italianos chegados de 1875 para frente; de 1459 tirolezes chegados de 1861 para frente, e de 8187 alemães chegados em 1850 na fundação da Colônia Blumenau até 1881.**

Requer cuidado para não confundir PAULO BLASI o autor do livro com Paulo Henrique Blasi, o professor de Direito e advogado de conceituação nacional. É preciso evitar a confusão por que ele e seu irmão desembargador Aluizio Blasi e os outros Blasi, requerem dos leitores do livro entenderem a homenagem aos que plantaram a árvore genealógica dos Blasi. E também tudo quanto vai em forma de tributo ao cêspede onde nasceram. Está muito clara no livro a sensibilidade vital da preservação pela origem onde ocorreu a infância no entrelaçamento familiar.

O livro não é uma monografia no esquema daquelas editadas pelo extinto (infelizmente extinto) Departamento Estadual de Estatística que informou ao Bra-

sil inteiro a qualidade e potencialidades da Terra e da Gente. Aquele esquema de editoração oficial respondeu a solicitação com base na eliminação do Ufanismo: **Nosso Céu Tem Mais Estrelas**. Os estatísticos Virgílio Gualberto e Lourival Câmara mais o geógrafo Victor Antonio Peluso Junior, alinhados nas diretrizes do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE**, asseguraram ao interventor federal Nereu Ramos (1888-1958) oferecer o esforço positivo dos Catarinas em dados numéricos, e no oferecimento participar na marcha em ascensão que a Revolução de 1930 desencadeou.

Aquelas monografias foram meios didáticos elaboradas para fins especificados. Já o livro: **Campos Novos um Pouco de sua História** é feito de páginas memorialísticas, dir-se-ia ser texto da enciclopédia camponovense, editado agora. E sendo entendido como memorialístico como se pode interpretar o título: a memória relacionada com o tempo que Paulo Blasi manuscitou sentindo-se na História.

Veja-se por exemplo a fala das páginas que vão decodificadas: (1) Os imponderáveis fizeram o cap. Deusdedit Loyola e José Rupp, acertarem-se num compromisso. O capitão militava na tropa de Leonel Rocha. Por causa do prestigiado nome familiar: RUPP. Facilitou que o prisioneiro José escapasse. Entretanto recebeu do mesmo um salvo-conduto. No ataque ao burgo Campos Novos o capitão Loyola foi ferido com gravidade e ficou abandonado. Recolhido acharam com ele o papel escrito e assinado por José Rupp. Chegando o acontecido ao conhecimento de D. Ema Rupp (na viuvez do cel. Henrique Rupp) mãe de José, providencia assistência médica e lhe deu a sepultura merecida. O episódio certificador do caráter cristão da mulher brasileira, tem a cor viva da dignidade familiar bem representada pela mulher-mãe-catarinense: **é um episódio antológico da crônica da antologia camponovense** (Cf. 171 e 172); (2) O território de Campos Novos esteve no roteiro da coluna de Leonel

Rocha. E a gente camponovense aceitou o confronto de invadida e atacada. E por aceitar para lutar e não para aderir recolheu crianças e mulheres no espaço do solar dos Blasi, e naturalmente, deles, os irmãos Paulo e José assumiram ser os guardiões com um companheiro chamado: dr. Othon d'Eça, então juiz de Direito da Comarca, e pela eventualidade também delegado auxiliar. (À época o dr. Gama d'Eça como popularizou-se sendo professor de Direito e escritor maior, estava com 34 anos. Até hoje não imitado viveu numa liderança intelectual fértil até 07.02.1965.

Do entrevero de camponovenses e a gente de Leonel Rocha, ele, colheu o desgosto de passar sem aplauso, portanto sem adesistas. Assim como Luís Carlos Prestes ia anotando: **QUEM NÃO ENFRENTAVA A COLUNA BRIGANDO, FUGIA DE LA**. (Cf. Lourenço Moreira Lima, *A Coluna Prestes — Marchas e Combates*, pág. 181.

O episódio com fração da Coluna Prestes (Variável revolucionária liderada pelo cap. Luís Carlos Prestes, em apoio aos paulistas e na coerência contra a inimizade que o presidente Arthur Bernardes (1875-1955) oferecia ao Exército Brasileiro) fez a antologia de Campos Novos ter referências em duas Histórias: (1) A política brasileira; (2) A das revoluções. O mencionado Leonel Rocha que os camponovenses enfrentaram, era revolucionário da primeira hora do dia 28.10.1924, formou trio com Honório Lemos e Zeca Neto.

Naquela geografia onde o pioneiro zero João Gonçalves de Araujo plantou o que é hoje CAMPOS NOVOS, SC, os Blasi estão enraizados, e na micro História assinalados com destaque: o aparecimento do livro de Paulo Blasi, é fruto amadurecido da Memória em traje de gala como Notícia de 265 páginas. Mais propriamente se diga é verbete da antologia de Campos Novos.

E seja visto o que para os camponovenses é a História. E não contraditamos

o alinhavado do crochê da Escola de Dona Ondina Bleyer, no casarão de madeira, depois na "Casa de Pedra" (num tempo o espaço dos maçons). Num tempo também imóvel de propriedade de Francisco Blasi (ancestral avoengo) e por consenso oficial alcançou merecer ser também o espaço do Grupo Escolar "Gustavo Richard."

Aqui as similitudes do acontecido por ali, exigem abrir parêntesis: é a presença praticada do educador paulista no território catarinense, já por que no grupo escolar mencionado lecionaram professoras paulistas. E também por que essa unidade escolar qualificada, pedagogicamente, grupo escolar apareceu com o paulista que sobre educação brasileira sabia muito: Prof. Orestes Guimarães (1870-1931) (Cf. Neide Almeida Fiori in bibliografia).

Tornando a saga do relacionado no grupo escolar referido como exemplo se toma o modelo construído por dois episódios: (1) Um, o menino Paulo Henrique

Blasi, neto do italiano Francisco, ancestral maior dos Blasi, sendo aluno-orador, falando para a comitiva chefiada pelo dr. Nereu Ramos, interventor federal em Santa Catarina, na festa comemorativa da inauguração do prédio do grupo escolar já mencionado; (2) Outro, o professor de Direito e advogado Paulo Henrique Blasi, Secretário de Estado dos Negócios da Educação (período: fev. 73 a março 75) ouvindo aquele seu discurso de 1940 pronunciado por aluno da Escola Básica transformação daquele grupo escolar sucedâneo da escola da carismática professora Da. Ondina Bleyer.

O momento foi de exibição de zelo pela identidade cultural: a década de 40 e a década de 70, separadas por trinta anos, foram ligadas pelo verbete: Instrução pública na antologia de Campos Novos: o verde da Mata de Pinheiros insinuante fez o pano de fundo para o momento histórico. Por ali a Esperança norteou a vida.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

Revista da Academia Catarinense de Letras, Nº. 1/1968,
Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE/1959,
MARIO MARCONDES DE ALBUQUERQUE, Contestado: Distorções e Controvérsias,
LOURENÇO MOREIRA LIMA, A Coluna Prestes — Marchas e Combates,
NEIDE ALMEIDA FIORI, Aspecto da Evolução do Ensino Público, 2ª. edição, 1991.

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

A VELHA CENTRAL

Meu velho Opala 76 precisou de uma peça do sistema elétrico e o mecânico logo me preveniu: «Se a Casa Royal não tiver em estoque, vá direto num ferro-velho.» Não encontrei na Casa Royal e me lembrei do amigo Heinz Niss, que agora tinha um ferro-velho na rua Jorge Lacerda, lá na Velha Central. Cheguei lá, entrei no estabelecimento do Heinz e fui saudado efusivamente por ele e por Dona Ma-

rili. Depois de atualizar as conversas, ele foi procurar a peça e eu fiquei esperando, num papo com sua esposa, ela me contando o que aconteceu na vizinhança com os conhecidos, pois tínhamos morado naquela região em 1966. Dos velhos conhecidos alguns já tinham falecido, os moços como o Heinz e a Marili estavam maduros, os filhos já casados. Ao me despedir, olhei para o outro lado da rua.

Ali estava a casa em que moramos reizes por alguns meses. Tinham cortado todas as árvores e deixado a vista livre, mas ainda conservava a aparência de um autêntico palacete de madeira. Pensei, então, como é que fomos parar lá, naquelas alturas? Agora era um bairro de Blumenau, tinha rua calçada, mas naquela época ficava em plena zona rural, distante um quilometro e meio do último ponto de ônibus, sem água encanada, sem nada de telefone ou outro meio de comunicação. Para contar como fomos morar lá, preciso voltar à casa da rua Paraíba.

Quanta coisa aconteceu na casa da rua Paraíba nos três anos que lá morei depois de tê-la comprado de meu pai! Nós, Maria Antonia e eu, agora tínhamos uma casa nossa, depois de termos morado em casas alugadas na rua Pastor Oswaldo Hesse, depois na rua Timbó e por fim na rua Quinze de Novembro, no Edifício Deeke, onde permanecemos mais tempo, pois um senhorio como o sr. Wilhelm Beck, nunca iríamos encontrar outro igual.

Logo nos primeiros meses em que moramos lá nasceu João Paulo, que veio alegrar nossa casa depois de onze anos sem filhos. Apesar de já ter três netos, filhos de minha irmã, meu pai adorava o novo netinho.

Nessa época, também, minha cunhada Iracema e o marido dela Djalma, mais a filhinha Jasmine, vieram morar conosco. Chegaram uma noite, com muita bagagem, sob o nosso olhar feliz e surpreso ao mesmo tempo. «Receberam minha carta?» Perguntou Iracema. «Não, porque?» Respondemos. «Viemos morar com vocês» disseram eles meio sem jeito. A carta chegou uma semana depois. Meu

concunhado, que vendia elevadores para edifícios, tinha mudado de empregador e uma das exigências do novo emprego era morar em Blumenau. Não obstante nossos esforços para que se sentissem em casa, não ficaram muitos meses. A sobrinha Jasmine, ainda muito pequena, estranhou muito o clima muito quente, vivia adoentada. Meu concunhado Djalma começou a sofrer de cólicas renais fortíssimas, que o impediram de viajar. A cunhada Iracema sofria com a segunda gravidez muito próxima da primeira. No entanto, foi uma temporada que deixou muito boas recordações que ainda hoje lembramos com saudade.

Nessa ocasião, enquanto meus cunhados estavam morando conosco, faleceu meu pai. Ele não sobreviveu muito tempo à venda da casa da qual gostava tanto. Dois meses antes de completar um ano da venda, um infarto o levou. Nunca conseguiu encontrar seu cantinho na nova casa à rua São Paulo, que tinha comprado para satisfazer a uma vontade de minha mãe. Em pleno verão, em janeiro de 1964, estava em férias em Balneário Camboriú, quando foi convocado para uma Assembléia da Empresa Industrial Garcia. Em plena reunião, sentiu-se indisposto e não voltou mais à praia; foi internado no Hospital Santa Catarina. Nós também estávamos em férias na casa dos sogros em Rio Negro e de repente minha mulher achou que deveríamos voltar para casa, sem um motivo aparente. Voltamos e com isso tivemos oportunidade de ainda ver meu pai vivo. Na manhã seguinte, fui vê-lo no hospital e achei que ele estava meio assustado. Foi a última vez que conversamos, pois naquela madrugada, às duas horas, veio o se-

gundo infarto, que dessa vez foi fulminante. Era dia 31 de janeiro de 1964, dia em que ele iria festejar 35 anos de casamento.

Um outro acontecimento marcante foi a mudança do nosso vizinho da esquerda. Finalmente a Transportadora Tresmaiese nos deixou livre do incômodo daquele movimento barulhento de caminhões e da algazarra dos chapas. Veio se estabelecer ali um ferro-velho que não nos perturbava em nada. Logo nos primeiros dias, ao me ver no jardim, o proprietário do ferro-velho, sr. Edmundo Reuter chegou até a cerca e me disse: «Quando for vender esta sua casa, sou o primeiro interessado.» Não me esqueci.

Nosso sonho era morar na Ponta Aguda. Logo no começo de minha vida bancária, comprei um lote no «Loteamento Becker», bem na frente, na beira da estrada de terra que era a rua das Missões. Mais tarde, vendi para o colega Ary Siqueira e mais tarde ainda, com o alargamento e calçamento daquela rua, quase desapareceu. Anos mais tarde, o corretor da Incorporadora Rabe, Jaime Telles, me procurou no Banco para me oferecer um apartamento que seria construído na esquina das ruas Bolívia e Avenida Brasil. Insistiu tanto, que para me livrar dele, fiz uma proposta meio absurda, com prazo a perder de vista e uma prestação grande no final. Para meu espanto, foi aceito. Depois, troquei o plano por um de apartamento maior. Foi aceito também. Eram 200 cruzeiros por mês, só que com a troca de plano, me faltava uma parcela mais gorda. Chamei o Sr. Reuter e lhe ofereci a casa da rua Paraíba por 7.000 cruzeiros. Era a quantia de que eu precisava. «Só tem um problema,

Sr. Costa», disse-me o Sr. Reuter. «Vou querer a casa já. O Sr. não quer ir morar na minha casa da Velha Central até ficar pronto o seu apartamento?» Pensei um dia inteiro no assunto, consultei a Incorporadora Rabe e o Sr. Rabe me garantiu que em doze meses eu estaria no apartamento da Ponta Aguda. Fiz o negócio, sendo que iria receber os 7.000 em parcelas, ao mesmo tempo que redigi um contrato de comodato, mesmo particular, de cessão gratuita do imóvel por quinze meses. Numa manhã luminosa de sábado, fizemos a mudança simultânea. O caminhão ia e vinha. A confusão era grande.

No domingo já acordamos em plena Velha Central. Em que pese a trabalhadeira e a cansaça, o lugar era lindo, simplesmente lindo. Na encosta de um morro, num lugar alto, erguia-se o casarão de madeira, de uma cor rosa clara, mas de construção sólida. Uma entrada em subida, um pequeno jardim bem cuidado, uma escada de cimento, chegava-se a uma varanda de onde se avistava a vizinhança de um ponto de vista elevado. Entrando na porta da frente, chegava-se a um corredor com salas e quartos à direita e à esquerda até chegar a uma cozinha ampla, que tomava toda a largura da casa e onde havia um imponente fogão a lenha e uma pia. Um intervalo e começava outra construção onde havia o banheiro com chuveiro, banheira e a lavanderia conjugados, um vaso sanitário num cubículo e depois a garagem, onde caberia um caminhão e em que meu pequeno Gordão parecia um carrinho de brinquedo. Saindo da garagem, chegava-se a um pátio e do outro lado estábulo para vacas, dois chiqueiros assoalha-

dos, um lugar para cozinhar toucinho, galinheiros bem construídos. Além dos estábulos, havia um pasto numa encosta de morro e logo adiante começava uma floresta, um verdadeiro pedaço de mata atlântica, cheia de palmitos e árvores frondosas. Ao lado da casa, acompanhando a estrada para subida do carro, uma fileira de coqueiros e árvores frutíferas, onde ao por do sol os joões-de-barro vinham fazer uma gritaria infernal. Do lado de morro, acima da casa, uma encosta com plantação de cana e pés de tangerina até se perder de vista. Era uma fazenda completa. Tinha até água corrente que vinha do mato por uma mangueira de plástico preto, que de vez em quando furava e esguichava em chafarizes teimosos, que precisavam ser consertados.

Nossos vizinhos da colônia nos acolheram com muita hospitalidade, muito além do que esperávamos. Atravessando a estrada tínhamos os Geske, que moravam numa casa de material no alto de um morro com um gramado lindo e um belo jardimzinho na frente e uma escada de cimento. Eram o Sr. Emil e Dona Olga. Falavam pouco português mas dava para a gente se entender. Lá comprávamos leite em natura, pão caseiro, queijinho fresco. No mesmo lado de nossa casa morava a filha do Sr. Geske, a Marili, casada recentemente, o marido Heinz e o filhinho Charles. Marili era bem clara, loira e forte e ouvia-se sua voz chamando o Charles e às vezes também se escutava as risadas gostosas que soltava com frequência. O marido Heinz Niss era operário de uma fábrica de máquinas agrícolas e ferramentas. Gostava de um papo como ninguém. Tinha uma força excepcional. Um dia foi

levantar sozinho uma lâmina de trator e rendeu as costas. Os Niss ficaram muito amigos nossos. Até depois de nos mudarmos, foram nos visitar no apartamento da Ponta Aguda. Perto da estrebaria, morava um casal novo de operários dos quais não consigo lembrar os nomes, mas recordo que gostavam de conversar conosco ao ver-nos junto da cerca. Mais para adiante moravam os Hornburg. A filha, Renate, estava quase sempre no jardim, fazendo exercícios de ginástica e tomando banho de sol. Meu filhinho João Paulo, que já tinha três aninhos, me perguntou um dia quando ela passou e nos deu bom dia: «Pai, quando eu crescer tu deixas eu casar com ela?» «Claro que sim», respondi, «ainda mais com essa moça tão bonita.» Ele então sorriu satisfeito.

Mais para frente, no sentido da cidade, morava a Sra. Evers. Nascida Cipriani, era alta, morena, opulenta como o tipo clássico de colona italiana, tinha sempre uma palavra jocosa e um sorriso franco.

Lá adiante, numa curva da estrada, era o reduto da família Budag. Numa casa baixa, num terreno em declive, escondida entre árvores, morava uma menina lourinha, cabelinho ondulado, olhos grandes azuis, perninhas finas sob um vestidinho azul florido, chamada Ingrid. Mais tarde ficaria famosa, seria Miss Blumenau, Miss Santa Catarina e Miss Brasil.

Nos primeiros meses em que moramos na Velha Central, ao acordar de manhã era necessário consultar o calendário para descobrir o dia da semana, pois o silêncio era tão completo que todos os dias pareciam ser domingo. Daí então, se era dia de semana, era levantar e partir para o trabalho no

Banco. Algum tempo depois, alguém instalou uma serra circular que nos dias de semana já cado anunciava que era mais um dia de trabalho.

Em maio de 1966, veio mais um anjinho para enfeitar nossa vida: o Eduardo. Desta vez em vez de galeguinho veio um moreninho, carinha risonha, com duas covinhas. Era nosso indiozinho. Saudável, não teve muitos problemas de saúde, para nossa tranquilidade, pois era essa nossa principal preocupação. um caso de doença súbita, distante seis quilômetros de hospital com pronto-socorro. Somente eu tive duas crises durante o tempo todo: uma cólica renal, em que fui dirigindo até o pronto-socorro para tomar uma injeção de Buscopan e um espasmo bronco-circulatório que assustou Maria Antonia e que foi sanado com um anti-histamínico pingado no nariz. Quase todo o tempo tivemos babá ou minha mãe para vir dormir com os meninos quando queríamos sair. Ou então minha irmãzinha de criação, a Vilma. Quem era a Vilma?

Um dia minha mãe soube que na delegacia de polícia estava uma criança que tinha sido maltratada por um casal que não era nem pai nem mãe dela e que a deixavam acorrentada a uma mesa grande quando saíam para trabalhar. Retirada da guarda deles, iria ser colocada sob a guarda de outra família. Meus pais foram lá e trouxeram uma criança negrinha, ferida na perna, assustada como um gatinho preto abandonado na rua. Acolhida, foi bem cuidada, foi à escola, logo aprendeu a ler e a escrever. Criada como filha, ajudava no trabalho doméstico e principalmente fazia companhia para minha avó materna, que veio morar com minha mãe depois que a

arteriosclerose cerebral a deixou outra vez criança. Vilma tinha uma paciência com aquela avó postiga! «Vó, olhe aqui» «Não tenho nenhuma neta negra», respondia a velhinha ofendida. E a Vilma ria, com seu bonito sorriso branco. E minha irmãzinha preta foi crescendo, crescendo até que se tornou uma bela adolescente cor de chocolate. Tinha uma voz bonita, própria da raça e tinha muito gosto por música, que vivia ouvindo no rádio, onde participava dos programas de telefonemas com muito sucesso. Depois que minha avó faleceu, aos 80 anos, em 1963, Vilma ficou ainda um tempo por lá, mas por fim desentendeu-se com minha mãe. Foi trabalhar como doméstica em outras casas de família em Blumenau e por fim foi para Curitiba, na casa de uma irmã de minha mãe, tia Licínia. Depois que tia Licínia faleceu, Vilma desapareceu no mundo. Foi vista na televisão, no Rio de Janeiro e até em Nova York. Cheguei até a pensar que a cantora Carmem Silva fosse a Vilma que tinha trocado de nome, mas o nome de que ela mais gostava era Graziela. Ninguém mais soube dela.

O problema mais grave na Velha Central era a distância que ficava do centro. Não havia ainda linha de ônibus regular e o ponto mais próximo era na frente do bar do Sr. Oswaldo Correa, lá na bifurcação da rua João Pessoa e da rua General Osório. Era um quilômetro e meio de caminhada por estrada de terra. Sorte que meu Gordini estava em forma e aguentou firme o tempo todo. Como proprietário de automóvel tinha que ter espírito de solidariedade com a vizinhança e eram frequentes as vezes que dava carona para os vizinhos naquele trecho, principal-

mente em casos de emergência e de doenças. Assim foi o caso da esposa de um vizinho que tinha vindo recentemente da maternidade e teve complicações. Mas até mesmo com os filhos deles quando iam ou vinham da escola naquele solão do meio dia. Minha caroniinha mais assídua era a Matilde Hoffmann, naquela época com uns dez ou onze anos que cursava o Colégio Sagrada Família. De rostinho redondo e risonho, me fazia companhia nas longas viagens pelas curvas e mais curvas da Velha.

No lado de cima da casa, havia um lugar apropriado para fazer uma bela duma horta. Como já fazia meses que ninguém cuidava dele, o capim atingiu a altura de minha cintura ou mais. Num sábado, peguei as ferramentas e enfrentei as touceiras, limpei um espaço razoável, virei a terra e fiz três canteiros pequenos, onde semeei alface, rabanetes, cenouras e beterrabas. No outro fim de semana o capim tinha quase fechado outra vez, mas as sementes tinham germinado e logo podiam ser transplantadas. Fiz mais canteiros maiores, transplantei as mudinhas, mas era uma luta desigual: eu só tinha sábado para trabalhar no quintal. Apesar de ter conseguido colher algumas hortaliças, o capinzal acabou vencendo. Minhas plantinhas acabaram morrendo afogadas, altas, compridas, espigadinhas e raquiticas, naquele matagal implacável.

Uma coisa impressionante era a frequência de encontros com cobras, víboras e serpentes. A primeira vez foi uma cobra rateira de quase dois metros, deslizando pelo barranco ao lado da casa, que apavorou minha mulher. Tranquilei-a e a cobra seguiu seu caminho toda orgulhosa. Outra ocasião,

João Paulo estava ajudando o Sr. Geske, que tinha vindo nos dar sua colaboração na limpeza do caminho para a casa. Meu filho ia na frente, fazendo de conta que ia capinando e o Sr. Geske vinha em seguida, fazendo a capina efetiva. Subitamente o Sr. Geske avistou uma ninhada de jararaquinhas, todas de menos de um palmo, revirando-se como se fossem minhocas e o João Paulo tinha pisado nelas. Deu um berro e saltou sobre o menino, tirando-o dali e logo em seguida matou as cobrinhas. Numa outra vez, João Paulo tinha pedido a Maria Antonia: «Mãe, quero brincar dentro do chiqueiro. Me ponha dentro do cocho.» Quando foi por a criança dentro do cocho, minha mulher vê uma cobra coral enroladinha, dormindo lá dentro. Outra vez ainda foi na calçadinha ao redor da garagem, ao passear com o carrinho do bebê, tendo o Eduardo dentro, minha mulher notou que ia passar bem sobre uma cobra coral esticada. Foram quatro sustos que deixaram a gente prevenido contra os ofídios.

Na festa de Páscoa daquele ano, tínhamos deixado nossos dois meninos com a empregada e mais dois outros meninos da vizinhança: o Edo e o Beto, e fomos à missa. Ficaram vendo os ovos de chocolate que tínhamos comprado para os nossos, quando voltamos tinham comido tudo, só sobraram os papéis de embalagens e as cestinhas. A barriguinha das crianças é que aguentou as consequências.

A vida decorria tranquila. Os dias, fossem de chuva ou de sol, eram de sereno encanto, as noites eram de céu estrelado. Não havia ainda televisão em Blumenau, ou era rádio ou toca-discos para distrair. Passavam os meses e as estações do ano. Meus filhinhos

creciam e eram um encanto de crianças, minha mulher boa companheira, me animava no meu trabalho e na esperança de dias melhores. Tudo parecia perfeito, até que um médico, com sua advertência sobre meu problema de pressão alta, veio lançar uma nuvem de desânimo naquele paraíso rural. Não obstante, eu estava tocando minha vida à frente, quando um dia o Sr. Reuter, proprietário da casa nos visitou e me disse: «Estou querendo vender esta casa. Não quer comprar? Quero 7.000 por ela.» Mas eu não tinha o dinheiro naquelas alturas. Um mês depois ele me informou que tinha vendido para o irmão dele, Sr. Oswaldo Reuter. O Sr. Oswaldo logo veio se entender comigo, perguntando quanto tempo ia levar para eu desocupar a casa. Eram decorridos dez meses do contrato que eu tinha assinado com o Sr. Edmundo e meu apartamento ainda estava em fase de acabamento. Propus ao Sr. Oswaldo pagar o aluguel da casa em que ele estava morando à rua João Pessoa, na frente da fábrica do Schwanke. Ele aceitou, mas foi trazendo animais para a casa em que eu ainda estava morando: uma vaca de leite, um leitão... De manhãzinha, bem cedo, Dona Regina, esposa dele, já estava trabalhando em nosso quintal. Enfim, aos poucos o Sr. Oswaldo estava nos expulsando, ao restringir nosso uso do imóvel.

Um belo dia ele pôs as cartas na mesa: «Porque o Sr. não vai morar na casa em que eu estou morando?» «Se o Sr. me pagar a mudança, mudo-me esta semana», respondi. E assim foi feito. Num fim de semana fizemos a troca e só então constatei que a casa, ou melhor, a casinhola não tinha lugar suficiente para nossa mudança. Ficamos ali empilhados e até

nossa empregada, Tereza, dormia no meio dos caixotes de mudança, pois já que íamos ficar tão pouco tempo, ou seja, dois meses, não valia a pena desencaixotar, a não ser o essencial. Pois bem, ficamos ali seis meses esperando pelo apartamento da Ponta Aguda.

De vez em quando eu passava de carro pela frente da casa da Velha Central, para visitar os amigos que lá tinham ficado. Fiquei triste ao ver o que o Sr. Oswaldo Reuter tinha feito naquela propriedade tão linda, da qual eu e minha família tínhamos tão boas lembranças. Primeiramente cortou todas as árvores dos lados da casa e dos fundos. Em seguida, com verdadeira fúria dendroclasta investiu contra a floresta de mata atlântica dos fundos deixando o morro pelado. A casa perdeu muito do ar acolhedor e o sol batia inclemente de todos os ângulos, aumentando o calor escaldante que devia estar lá por dentro.

Num dia de março de 1967, a Incorporadora Rabe me avisou de que nosso apartamento estava praticamente pronto, apesar de os outros ainda estarem em fase de acabamento. Mudamo-nos logo e num dia de manhã chegamos ao tão sonhado bairro da Ponta Aguda, num prédio ainda cheio de andaimes e peões de construção. Nossa experiência campestre chegava ao fim. Para mim, que sempre me considerei um passarinho da cidade, foi algo que enriqueceu muito minha vida, aumentou meu conhecimento de cobras e outros bichos, ao mesmo tempo que proporcionou a mim e a minha família fazer grandes amizades com aquela gente tão leal e sincera. Qualquer dia, nos veremos outra vez para contar como foi nossa vida na Ponta Aguda. Até breve.

Ruy Moreira da Costa

CHATÔ E SANTA CATARINA

A leitura de «Chatô, o Rei do Brasil», de Fernando Moraes (Cia. das Letras — S. Paulo — 1994), é um desafio de 732 páginas, em tamanho grande. Embora bem escrito e documentado, concluído o esforço, resta a sensação de que falta alguma coisa, assim como costuma acontecer após a leitura de tantas biografias. Perguntando-se daqui e dali, acaba o leitor concluindo que, apesar do tamanho do livro, o personagem focalizado ficou longe, como alguém distante e que, afinal, não conheceu. É um desfilar interminável de fatos e detalhes que mostram o que Chatô fez mas não desvendam quem ele foi. Embora fosse professor de Direito Romano e jurista de sucesso no foro, e cujos artigos revelavam um homem de erudição, não se sabe a doutrina que seguia, a corrente a que se filiava, a filosofia que o norteava — se é que tinha uma. Mesmo suas reações diante do que ocorria são extraídas mais de fatos que de um contato com a pessoa, o ser humano, seus gestos, palavras e posturas. Fica o livro como um documento jornalístico sem aprofundamento psicológico, de modo que continuo desconhecendo, tal como o desconhecia antes, o incrível Chatô. Sensação idêntica me deixou, quando o li há alguns anos, o livro «Olga», do mesmo autor. Biografia não é fácil, razão pela qual são raras as realmente grandes, apesar de ser um gênero tão abundante.

Outra observação que me ocorre é a rarefeita presença de catarinenses na volumosa obra. Ainda que o império Associado mantivesse jornais em Blumenau, Itajaí e Joinville, parecem ter sido poucos os nossos contemporâneos que se cruzaram com o biografado.

Não obstante, um dos melhores momentos do livro e talvez mais aventureiro da vida de Chateaubriand foi a sua passagem por nosso Estado, quando pretendia juntar-se às forças revolucionárias, no Rio Grande do Sul, em 1930. Entre vôos mal sucedidos em hidroavião, fugas em «fordecos» por estradas lamacentas, trajando batina e passando por padre, e penosas troleadas a cavalo por campos e matos, debaixo de chuva, escapou por pouco de ser fuzilado como espião por revolucionários de São Joaquim, até alcançar as tropas da Revolução, já em território gaúcho. O relato está entre as páginas 234 e 245, com todos os detalhes, mapas e documentos da insólita aventura vivida por Chatô em chão catarinense.

ANIVERSÁRIO

A conhecida Livraria Teixeira está comemorando neste mês seus 119 anos de existência. Para festejar o evento, promoveu uma mostra de livros por ela editados, composta de edições centenárias, de inestimável valor no mundo do livro. Dirigida por Mário Cristóvam e Carlos Cardoso Filho, seus proprietários, grandes conhecedores do ramo livreiro, a Teixeira é ponto obrigatório para quem viaja à Paulicéia.

PRÊMIO CRUZ E SOUSA

Foi reativado o conhecido Concurso Cruz e Sousa para poesia, conto e romance, com as inscrições se encerrando em 22 de setembro. É o maior concurso literário do País, atribuindo um prêmio de R\$ 10.000,00 para o primeiro colocado em cada gênero, além da publicação da obra. A reabertura do Concurso teve grande repercussão nos meios culturais e na mídia, prevendo-se grande número de participantes. Segundo o noticiário, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro estarão compondo a comissão julgadora. Está de parabéns a FCC pela iniciativa.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«Oficina de Poesia» é o volume resultante da experiência realizada pelo Sinergia (Florianópolis) no gênero poético, tendo como ministrante o poeta Fábio Brüggemann, onde ele explica as razões e fundamentos da interessante iniciativa e inclui criações coletivas e individuais dos participantes, em número de onze. Oficinas idênticas foram realizadas sobre teatro, vídeo e fotografia. Ótima iniciativa, merecedora de aplausos. *** «A Verdadeira Face do Direito Alternativo», de autoria de Gilberto Callado de Oliveira, integrante do Ministério Público, foi lançado no auditório da Procuradoria-Geral de Justiça. Trata-se de uma excelente abordagem de um dos temas mais polêmicos da literatura jurídica dos dias de hoje. *** «Tributo ao Verde Tempo do Verdeoliva» é o mais recente título de autoria de Jamundá, no qual ele tece um misto de história e biografia, memórias e poesia em prosa, relembando vultos, fatos, momentos e, de permeio, sua vivência sempre ativa e participante. Um livro curioso no conteúdo e bonito na forma, bem ilustrado e trabalhado. *** Está circulando mais um número de «Ô Catarina!», correspondente a julho/agosto, destacando as artes plásticas, a obra de Zumblick, a dança em Joinville, o teatro e os cem anos do cinema, a presença ucraniana no Estado, além de agenda cultural, perfis, notas, desenhos e ilustrações. Um exemplar repleto. *** Circula também o guia de eventos culturais e lazer «O Que Fazer» contendo informações completas sobre tudo que ocorre nessas áreas em Blumenau e na região. Contando com boa equipe de colaboradores, o guia passa a ser indispensável.

VARIADAS

«Porcelana», técnica milenar, foi a mostra levada a efeito no Espaço de Arte Açu-Açu, expondo trabalhos de diversas artistas, todas revelando talento e criatividade no difícil gênero. *** «Antiques», um dos mais conhecidos espaços de arte de nosso Estado, promoveu com sucesso seu segundo leilão de antiguidades e tapetes orientais. É dirigido por minha prima Terezinha Gonzaga Daux e está situada à rua Nereu Ramos, 273, na Capital. *** O Encontro de Escritores do Interior, integrante da Semana Cassiano Ricardo, reuniu em São Paulo inúmeros autores, entre eles meus amigos Uílson Pereira, Hygia Calmon Ferreira, Geraldo Pinto Rodrigues e o catarinense Deonísio da Silva. *** Segundo Monteiro Lobato, os acadêmicos são de duas categorias:

os mono-imortais, pertencentes a uma só Academia, em geral de seu Estado, e os bi-imortais, integrantes também da Academia Brasileira. Os nossos são todos mono.

POESIA DE RESISTÊNCIA

Conceição Lages, hoje com 30 anos de idade, foi colhida pelo destino. Perdeu a visão e foi forçada a abandonar a Faculdade que cursava com brilho. Mas não se curvou à má sorte e continuou produzindo seus poemas, afirmando sempre que o importante é viver e amar. É de sua autoria o poema com que encerro a coluna.

FRASES

A vida é uma lição de experiência
a cada minuto e em todas as situações.

Por vezes, as palavras ferem mais
que as atitudes brutais.

Paciência: chave/solução para os
paradoxos da vida.

Coração apaixonado não ouve ninguém, só escuta
a própria fala.

Viver é aprender a navegar nas tempestades
da vida.

Atenha-se ao que possa falar ou fazer
a fim de evitar dissabores e recriminações.

Poucas coisas são tão importantes quanto
uma calorosa acolhida.

Boa amizade, saúde e felicidade, coisas que
o dinheiro será incapaz de comprar.

A maior e a mais bela das riquezas
é a graça de Deus!

FIGURA DO PASSADO

(EM CAPÍTULOS)

CARL WAHLE - um nome ligado à história de Blumenau

(II)

S.C. Wahle - 1995

Era a época em que ainda se apagava a cal virgem, para ser transformada em cal hidratada. Para isto se abria um fosso com 2m x 2m e 1m de profundidade, onde se depositava a cal hidratada.

As condições de segurança eram muito precárias. Certa ocasião um servente caiu no fosso de cal hidratada, justamente enquanto se estava apagando cal virgem.

Meu pai que sempre usava chapéu, foi protegido de um pedaço de tijolo que lhe caiu na cabeça. Noutra ocasião, enquanto estavam escavando as valas, para as fundações, alguém esqueceu de colocar as escoras à tarde, de manhã, a vala estava toda desbarrancada.

Um dia o Sr. Musiker, cunhado do Sr. João Karsten, queixou-se a mim, eu com 7 anos de idade, pedindo-me para que avisasse ao meu pai que ele ia sair mais cedo, porque ele não suportava mais a dor de barriga (Panzweh) que o acometera. Iria passar na farmácia, comprar um v'дро de óleo de ricino, engolir-lo (runterschlucken) para estar bom no dia seguinte. No dia seguinte não apareceu, e ao meio dia o meu pai foi notificado que o Sr. Musiker tinha falecido no Hospital Santa Isabel, de vólculo, também conhecido como nó nas tripas (Darmverschlingung). E assim perdemos não somente um bom especialista, mas sobretudo um bom homem e muito estimado.

Certo dia Frei Estanislau, ao fazer uma visita ao meu pai, comunicou-lhe que fora transferido para Petrópolis. Ambos ficaram calados por algum tempo. Sem entrar em pormenores, que era o hábito de meu pai, desejou-lhe muitas felicidades e colocou-se sempre à disposição. Ainda muitas vezes, sempre quando vinha a Blumenau, faziam suas costumeiras visitas às colônias, porém agora em automóvel Ford.

Em meados de 1924, foi festejada a festa da cumieira, que dei-

xava o meu pai orgulhoso, pois em 10 anos de Blumenau já estava com sua casa própria. Em princípios de 1925 foi feita a mudança para a nova casa. Como o pavimento térreo era grande demais para a loja, resolveu-se ceder a terça parte da loja, ao Sr. João Medeiros, que ali estabeleceu-se com a Farmácia Central. Uma farmácia moderna, e muito bem sortida. Esta farmácia ficou lá dois anos, quando fora decidido que o espaço seria necessário para a instalação da tipografia. O Sr. Medeiros, mudou-se para o prédio geminado que o Sr. João Manoel de Borba, acabara de construir.

A tipografia foi instalada sob a supervisão do Sr. Thomsen que também passaria ser o seu responsável, e diga-se de passagem muito ensinou ao meu pai. Acrescentou-se à tipografia uma encadernação, que inicialmente deveria produzir encadernações artísticas, mas logo ficou demonstrado que Blumenau não tinha mercado para este tipo de produto.

Em 1927 meu pai comprou o seu automóvel Ford, um Modelo «T» 1927, que era um Ford de bigode banheira por ser um pouco mais comprido do que o tradicional Modelo «T». Foi uma festa em casa. Foi contratado o sr. Froeschlin, o homem que mais entendia de automóveis em Blumenau, para dar um treinamento. Saimos, o meu pai, sr. Froeschlin, a minha irmã Waldetrudis e eu. O primeiro passeio foi para o bairro do Garcia, onde a meio caminho, com o meu pai no volante, distraiu-se e entrou com a roda esquerda no barranco. Resultado: o carro tombou de lado. Todos saímos ilesos, somente a Waldetrudis um pouco nervosa, porém o meu pai tranquilizou-a. Aproveitou-se a passagem de dois

homens, que sem dificuldade, colocaram o carro novamente sobre quatro rodas, sem danos, somente a perda de um pouco de gasolina. E prosseguimos no passeio. Aos doze de dezembro de 1927, nascia a filha caçula Isolda.

Em 1938 foi instalada, e montada uma seção de pautaçaõ, para produzir cadernos escolares. A papelaria não se restringiu somente aos artigos escolares, mas sobretudo, de artigos nobres para escritórios em geral. Também foi implantada uma seção de artigos religiosos, com os pertences em ouro para os ofícios religiosos, livros de reza em todos os padrões, inclusive importados.

Para as épocas de natal eram importados brinquedos e enfeites para as árvores, mesmo árvores artificiais já bastante usadas naquele tempo. Muito cedo e bem mocinha, a filha mais velha Waldetrudis entrou para o negócio e foi durante quase vinte anos o grande esteio da loja. Não será exagero afirmar que sem a presença da Waldetrudis, não teria havido aquele desenvolvimento. Mas, em torno de 1928, o meu pai começou a se preocupar. Ele tinha uma rara visão sadia a respeito de política, tanto a nacional como a do resto do mundo. A loja se salientava pelo bom sortimento, estava sempre bem sortida, tanto com revistas nacionais como as mais importantes da Alemanha. Da mesma forma, havia uma seleção apurada de livros nacionais e os best-sellers alemães. Havia um setor de literatura jurídica bem atualizada. A loja era sempre bem visitada pelos advogados de Blumenau, nunca deixaram de trocar idéias com o meu pai, principalmente em se tratando de novidades.

Era na época a papelaria e li-

vraria mais bem sortida e selecionada do Estado. Vinha gente de toda parte do Estado fazer compras na Livraria do Wahle, como era conhecida.

Com o craque da bolsa de Nova York (1929) nuvens bem pretas começaram a aparecer nos horizontes políticos. Uma crise econômico-financeira espalhou-se rapidamente pelo mundo. Na Alemanha, até então o nazismo não era tomado muito a sério, porém, daí em diante tomou um incremento que passou a ser sentido também em Blumenau. Pois até em Blumenau, pessoas bem situadas passaram ingressar nas fileiras do partido nazista, fazendo com que fossem preferidas as firmas dos simpatizantes com o nazismo. O meu pai embora modesto e humilde, tinha uma boa influência, principalmente com colonos e revoltava-se contra aquele estado de coisas. Ele era uma espécie de consultor, não só perante os colonos, mas sobretudo, aqueles que comerciavam e fabricavam. Entre estes está uma pessoa de Luiz Alves, que além de explorar a sua colônia com produtos agrícolas que colocava à venda, também explorava um alambique, fabricando uma cachaça que o meu pai apelidava de «desentupidor de guêla», mas aceitava quando o Sr. Antonio Schmidt trazia algumas garrafas como brinde. Antonio Schmidt tinha uma família notável, a senhora dele, como pagamento pela ajuda que o meu pai dava, graciosamente, às vezes trazia um peru pronto para ser assado. O grande sonho desta senhora era ter um filho padre. Pois, ele não só tornou-se padre, como as últimas notícias que tive dele já tinha chegado a Arcebispo. O meu pai orientava-os dentro dos meandros da legislação, já

difícil para quem entende, imagine para os que não a entendem. A posição política de meu pai, era clara e definida. Um democrata liberal, nada de extremismos, nem para a esquerda e nem para a direita. Os efeitos do craque da bolsa, começaram a sentir-se. O Brasil não mais exportava café, queimava-o. Inclusive acabou com o nosso famoso café da ilha, único sombreado no Brasil. Era dinheiro que começava a faltar na praça. Tantas firmas que se abriam, tantas eram

fechadas. Com a Revolução de 30, o Brasil sofreu molações terríveis. Florianópolis foi vítima de um isolamento que perdurou quase um mês. Todos os planos que tinham sido feitos para um desenvolvimento da tipografia, tiveram que ser postergados. Com um enorme sacrifício, fui mandado para o Ginásio Catarinense em Florianópolis (1930). Com a minha ida para Florianópolis, perdera o contato com a minha família, que se refazia somente durante as férias.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980) **José Gonçalves**

— DIA 15/08/1945 — Uma seleção formada por universitários do Paraná, enfrentou um selecionado blumenauense formado por jogadores do Olímpico e do Palmeiras. Vitória dos paranaenses por 5 a 4.

— DIA 17/08/1945 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se um memorável espetáculo de arte, com a apresentação da Ópera-Bailado "Copelia", pelos integrantes da Escola de Bailado de Porto Alegre. *** Retornou a Blumenau, após servir na Força Expedicionária Brasileira que lutou na Itália, o sargento José Guimarães, que servia no 32 B.C. e fora convocado para o 1º. Escalão que embarcou para a Europa. José Guimarães foi homenageado pelo Palmeiras E.C. com um jantar, por ter sido sempre um adepto do clube. Mais tarde, foi admitido como funcionário do Banco do Brasil, onde trabalhou durante muitos anos, até sua aposentadoria.

— DIA 20/08/1945 — A Irmã Aluisianes uma das mais dedicadas enfermeiras do Hospital Santa Isabel, completava neste dia, seus 25 anos de serviços prestados àquele nosocômio blumenauense. *** Neste dia, os integrantes do 2º. Escalão da FEB desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, desfilando pelas ruas da antiga capital sob calorosos aplausos do povo carioca.

— DIA 23/08/1945 — A redação do jornal recebeu a visita do então sargento expedicionário José Guimarães e registrou o fato em sua página social. *** No mesmo dia, o 32º. B.C. trocou de comando; despediu-se o até então Comandante Tte. Cel. José de Mello Alvarenga e assumiu o comando o Tte. Cel. Irapuan Xavier Leal.

DIA 26/08/1945 — O jornal destaca em editorial que a Estrada de Ferro Santa Catarina, face sua má administração, estava sofrendo decadência. Era mantida e administrada pelo governo estadual.

— DIA 27/08/1945 — Passou por Blumenau, com várias solenidades, o Fogo Simbólico da Pátria.

— DIA 30/08/1945 — A equipe do Cruzeiro, de Porto Alegre, venceu a do G.E. Olímpico, no estádio da Alameda Rio Branco, por 2 a 0.

DIA 02/09/1945 — Neste dia, Blumenau e os blumenauenses comemoravam 95 anos de fundação. *** Ao vencer o Flamengo local por 6 a 0, o Vasto Verde garantiu a liderança no certame da 2ª. Divisão da Liga Blumenauense de Desportos.

— DIA 18/08/1945 — Servidores em geral da Estrada de Ferro Santa Catarina, entraram em greve reivindicando melhores salários.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

- Homenagem aos discípulos de Dom Bosco;
- Os Diretores do Colégio «São Paulo» e
- Os Vigários da Paróquia Santo Ambrósio de Ascurra.

Este Capítulo destina-se a prestar as nossas homenagens aos discípulos de Dom Bosco, que se estabeleceram em Ascurra, para dirigir as primeiras Missões em Santa Catarina.

Procedentes, os primeiros missionários, de países da Europa, dedicaram toda uma existência às causas de Deus e à Pátria de adoção, em tudo fazendo, pela grandeza de sua obra e pelo bem-estar do povo. Esses sacerdotes, imbuídos do mesmo espírito do fundador, Dom Bosco, contribuíram para o desenvolvimento de Ascurra e, sobretudo, na formação de Padres e Professores, na educação dos jovens, oferecendo assistência religiosa às famílias. Sacerdotes e Irmãos leigos, entregaram-se a um trabalho árduo, vencendo com dificuldades, no início do seu apostolado, as florestas por picadas ínvias e perigosas, para alcançarem os colonos dos pontos mais afastados dos centros das Missões, sedentos eles, de uma bênção apostólica e de uma palavra de entusiasmo. Muitos passaram à posteridade e outros que os sucederam se encontram enaltecendo e enriquecendo esse pequeno município. Os salesianos são credores do reconhecimento público, sob todos os aspectos. Por quanto possível, buscamos o critério cronológico para a apresentação desse seu trabalho voltado à educação e à assis-

tência religiosa. Integraram ao longo desses quase oitenta anos de atividade pastoral, a história, não somente de Ascurra, mas, também, de Santa Catarina. Fizemos um levantamento sucinto da sua atuação, frente aos seus compromissos apostólicos. Já acentuamos em Capítulos passados, que em 16 de dezembro de 1916, os salesianos representam um marco histórico para Ascurra, com o estabelecimento dos primeiros missionários, sempre obedientes às determinações dos seus superiores de Turim, Itália, buscando, principalmente, a desenvolver personalidades jovens, tendo como resultado, grandes nomes ocupando espaços de destaque, na educação, na política, na Igreja e, máxime, na Congregação Salesiana. Dos que passaram pelo aspirantado de Ascurra, vimos atualmente, Bispos, Provinciais, Reitores, Diretores de Colégios, Professores, Políticos de renome e tantas altas personagens. Verificamos que hoje, a Congregação Salesiana, solidariza-se com o mundo, com a história, compreendendo e valorizando a cultura e onde, também, encarna a missão e o carisma salesianos. Os discípulos de Dom Bosco, sempre acreditaram na sua obra instalada na pequena comunidade de Ascurra. São quase oitenta anos de investimento religioso salesiano.

Outro aspecto a ser ressaltar-

do e que há uma bela e rica história constituída em diversas etapas promovidas pelos seus responsáveis: os Diretores, os Vigários e todos os demais religiosos que as compõem. Padre Ângelo Alberti, italiano, designado o primeiro superior da Missão Salesiana em Santa Catarina, implantada na pequena povoação de Ascurra, administrando-a de 1916 a 1922, fase, também, do atendimento religioso aos imigrantes italianos, procurou dar atenção especial às vocações à vida religiosa, masculinas e femininas, por achar uma região fecunda de aspirantes, além de ele dar uma eficiente assistência espiritual a todas as famílias. Uma das primeiras vocações consideradas, sob todos os aspectos célebre, fôra a de Dom João Batista Costa, hoje Bispo Emérito de Porto Velho, Rondônia, que ajudou a promover o progresso de Ascurra, valendo-se da amizade com o Governador Dr. Hercílio da Luz. Padre Ângelo Alberti, lançou em 25 de janeiro de 1922, a Pedra Fundamental do Colégio «São Paulo», e em 1923, deixa Ascurra para assumir o cargo de Diretor do Colégio «Santa Rosa» de Niterói.

Padre Leão Muzzarelli, seu sucessor, também italiano, exerceu a função de Diretor de 1923 a 1929, cujo primeiro objetivo, fora dar continuidade, com mais rapidez, as obras em andamento e cuja festa da cumieira, tem sido comemorada em 24 de maio de 1924. Em 1925, foram admitidos os primeiros alunos que aspiravam o sacerdócio, dentre eles, José Zanotelli, recebendo as ordens sacerdotais após concluídos os cursos de filosofia e teologia. Os quarenta e quatro jovens eram todos filhos de colonos das localidades de Rio dos Cedros,

Luiz Alves, Massaranduba e de outros lugares dispersos ao longo do Vale do Rio Itajaí-Açu. Em 24 de dezembro de 1926, transcorreu a inauguração do grande Colégio Salesiano, obra de inestimável valor arquitetônico. Portanto, podemos afirmar com segurança, que em dez anos de trabalho salesiano, a localidade de Ascurra, tornou-se conhecida e visitada por insignes autoridades dos principais centros do País. Ascurra, desde a sua fundação, que ocorreu na década de setenta do século passado, até a implantação das Missões Salesianas em 1916, fôra uma localidade pouco desenvolvida, permanecendo quase intacta a sua configuração natural e viveu na obscuridade quase quatro décadas.

Mas, pouco a pouco, com os salesianos começou a vencer o isolamento cultural, propiciando o desenvolvimento sócio-econômico. Consequentemente, as novas gerações e novos líderes descendentes de imigrantes, passaram a ter um entrosamento maior com as autoridades de Blumenau, perdendo aos poucos, a localidade, aquele caráter de outrora, na Itália.

Não podemos olvidar, entretanto, que com o advento da Estrada de Ferro, cujo início ocorreu em dezembro de 1907, e inaugurado o primeiro trecho ao tráfego regular em 3 de maio de 1909, de Blumenau a Warnow e depois, até a estação de Hansa (Ibirama), em 1º de outubro de 1909, começou a ter os primeiros sinais de progresso, a pequena povoação de Ascurra. Mas, as lavouras foram ampliadas obtendo os lavradores colheitas mais abundantes e diversificadas.

Padre Ângelo Alberti, fora Di-

retor nomeado pela segunda vez por seus superiores, de 1929 a 1930, e pouco pôde realizar em tão curto espaço de tempo de permanência nessa Casa, em razão, também, do seu precário estado de saúde.

Padre João Batista Rolando, italiano nato, missionário que aportou a Santa Catarina, em 1916, assumindo a direção do Colégio e da Paróquia em 1931 e sua atuação nessa Casa, se prolongou até 1941. Exerceu o trabalho de missionário, inicialmente, no Médio e Alto Vale do Rio Itajaí-Açu, alcançando o planalto catarinense de Lages e Curitiba. Dirigiu também a Paróquia de Rio d'Oeste, vindo mais tarde para Ascurra, onde ficara sob seus cuidados, Colégio «São Paulo», Matriz Santo Ambrósio com suas Capelas. Em fins de 1935, aconteceu a solene inauguração da torre da velha igreja, com os novos sinos. O Exmo. Sr. Bispo Diocesano chegou à Paróquia, tendo sido ele recebido festivamente pela povoação e pelas autoridades. À meia noite de Natal, o prelado benzeu solenemente a artística torre, dando maior brilho à solenidade, os três sinos que repicavam pela primeira vez.

Padre João Rolando, além da torre, mandou fazer a reforma da fachada da igreja matriz e, infelizmente, não pôde participar das solenidades de inauguração, porquanto, a campanha de nacionalização em 1939, 1940 e 1941, que perseguiu os italianos e seus des-

cendentes, durante o período da proibição da língua italiana, fora obrigado a afastar-se de Ascurra e recolher-se em São Paulo, no Liceu Coração de Jesus e jamais retornou nem para rever seus paroquianos. Em 1937, o Bispo Dom Flô de Freixas, mostrou-se satisfeito com a nova Capela «São José» de Guaricanas, edificada em 1936, apresentando belo aspecto e pintado o seu interior por um artista filho do lugar.

Padre Luiz Venzon, italiano, ao assumir o directorado do Colégio «São Paulo», onde permanecera de 1941 a 1942, deu incentivo às vocações sacerdotais e religiosas. Nesse tempo e depois, o Padre Simão Majcher, polonês, vindo dos Estados Unidos, com recursos financeiros provenientes de amigos daquele País, construiu a artística Capela do Colégio, consagrada ao Espírito Santo. Padre Venzon, em seu período de Diretor, ergueu o pavilhão onde, posteriormente, abrigou o refeitório e cozinha; atualmente, se encontra instalada a atual biblioteca. Nesse mesmo ano de 1941, infelizmente, houve a invasão do Colégio, por autoridades federais, à procura de armas e propagandas. Em 1942, recebe ordem expressa de fechar o Colégio, obrigando o seu Diretor a afastar-se de suas funções, em razão de ser estrangeiro. A inspetoria Salesiana de São Paulo pede ao Padre Venzon a recolher-se ao Liceu e o substitui por outro sacerdote brasileiro, no comando do Colégio.

— Continua na próxima edição desta Revista, as homenagens prestadas aos Discípulos de Dom Bosco.

— DIA 1º. — Prosseguiu a Campanha Nacional de Multivacinação, iniciada no dia anterior, inclusive com muitas palestras e orientação aos pais. *** Vinte e sete prefeituras do Alto Vale do Itajaí, reduziram a jornada de trabalho e suspenderam novos investimentos, para cortar despesas.

DIA 02 — O IVGP da FURB indicou que a inflação de julho em Blumenau foi de 1,23%, com uma queda de 47,8% em relação a junho.

— DIA 03 — No Parque de Eventos de Ascurra, foram abertas as festividades tradicionais italianas "Per Tutti", com a presença de numeroso público.

— DIA 03 — Na Galeria do Papel da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi aberta exposição de trabalhos de pintura sobre seda da artista Ute Petersen. *** Foi lançado em Blumenau o livro de Lee Schnelbly "Quem Quebrou o Espelho?", traduzido pela blumenauense Deodete Paarcker Vieira. *** Liminar concedida pelo desembargador Wanderley Romer, promoveu a desativação dos radares que haviam sido instalados em diversas rodovias catarinenses para coibir o abuso de velocidade e, conseqüentemente, o número de acidentes que vinham acontecendo. *** Em Brasília, o enfermeiro blumenauense Franz Krepsky, de 87 anos de idade, servidor do Hospital Santa Catarina, foi convidado para, neste dia 11, receber uma condecoração: a de Cavaleiro da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho pelo Tribunal Superior do Trabalho, como reconhecimento pelos 61 anos de serviços dedicados ao referido hospital. *** Convênio assinado pelo prefeito Renato Vianna com o Secretário de Agricultura Dejandir Dalpasquale e o presidente da CIDASC Paulo Furlan, garantiu a cessão de duas dragas para a desobstrução dos ribeirões do município.

— DIA 04 — O município de Brusque comemora com festivo programa, a passagem de seus 135 anos de fundação. *** Às 20:30 horas, no Pavilhão "A" da PROEB, realizou-se uma "avant-première", o ponto de partida para a Oktoberfest-edição 1995. A solenidade compareceu numeroso público. A festa inaugural teve como destaque a beleza de Márcia Porto, eleita a Rainha da Oktoberfest-1995. *** No Teatro Carlos Gomes apresentou-se a Banda Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo, com O CONCERTO CABARÉ, e ainda a presença da cantora Suzana Salles. Um espetáculo que foi muito aplaudido.

— DIA 10 — Foi divulgado que, desde sua recente criação, a Polícia Ambiental de região do Vale do Itajaí já havia libertado até esta data, mais de duzentas aves nativas que se achavam em cativeiro. Uma outra missão deste serviço é a de impedir o contrabando de aves nativas.

— DIA 13 — Com um programa bem elaborado, o Corpo de Bombeiros de Blumenau comemorou, com a população, a passagem dos 37 anos de sua instalação na cidade.

— DIA 15 — Divulgação feita por ocasião do Seminário sobre energia elétrica, apontou os seguintes dados estatísticos: 1) A CELESC aumentou em 5,19% o número de consumidores catarinenses em junho de 1995, em relação ao mesmo mês do ano passado (1.291.074 para 1.358.108). Na comparação com maio de 95, o aumento foi de 0,36%. 2) O consumo de energia aumentou 9,42% no mesmo período (672.424.885

kwh para 735.780.860 kwh). 3) A Agência Regional de Blumenau foi a que mais arrecadou em junho passado (R\$ 10.542.312,00, o que representa 18,81% da arrecadação bruta de R\$ 56.017.997,26). 4) Blumenau é o terceiro município em número de consumidores, com 75.160 (Florianópolis é o primeiro, com 119.046, e Joinville o segundo, com 106.692). 5) A participação no mercado, por classe de consumo ficou assim, em junho de 1995: industrial, 48,30%; residencial, 23,02%; comercial, 10,35%; rural 9,45%; iluminação pública, 3,42%; poder público, 1,92%; empresa de serviço público, 1,84% e consumo próprio, 0,13%. 6) O consumo residencial médio registrado em 1995, em Santa Catarina, foi de 162 kwh. *** Um bloqueio atmosférico fez com que os termômetros atinssem, nesse dia, uma temperatura de verão de 33 graus, mudando completamente o hábito de vestir-se da população blumenauense, assim como nas outras cidades da região do Vale do Itajaí. *** Com uma procissão conduzindo a imagem do santo, foram encerradas as comemorações pela passagem dos 800 anos de nascimento de Santo Antônio, promovidas pelo Colégio Santo Antônio. A imagem, foi trazida da Casa São José, de Vila Itoupava, onde se achava há muito, mas que pertencia ao Colégio, e viera da Europa, conduzida pelos primeiros membros da Ordem. Trata-se da imagem de Santo Antônio de Lisboa, nascido dia 15 de agosto de 1195, às margens do Rio Tejo, em Portugal.

— DIA 17 — A imprensa (JSC) destaca ofício recebido pela 2ª. Cia. do Corpo de Bombeiros de Blumenau, do Instituto Butantã, de São Paulo, através do qual aquela instituição científica congratula-se com os integrantes da corporação blumenauense pela colaboração na remessa de cobras corais que muito têm auxiliado na preparação de vacinas. Segundo o Instituto Butantã pela correspondência que enviou, Blumenau é o principal colaborador nesse trabalho. *** No CONCERTO mensal da Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se também, em noite de gala, o maestro e pianista Carlos Garofalli e o bandoneonista (argentinos) Carlos Magallani, ambos ligados ao tango, apresentando composições de Astor Piazzolla. *** Às 10:30, a Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes também fez apresentação no auditório do Colégio Franciscano Santo Antônio, em homenagem aos 800 anos de nascimento do padroeiro daquele tradicional estabelecimento de ensino. *** No mesmo dia, à tarde, no Cantinho Infantil da Fundação "Casa Dr. Blumenau", aconteceu a apresentação da pequena Lilian Brandt, de 11 anos, mostrando sua grande habilidade artística com a flauta doce e o violão, para deleite das crianças que lotaram a sala do Cantinho Infantil. *** Neste dia, o artista Guido Heuer abriu atraente exposição de seus trabalhos na Galeria de Artes da Fundação Indaialense de Cultura, em Indaial, com obras em Metal Gravado. *** Nesta madrugada, sete presos, que cavaram um túnel, escaparam do presídio da cadeia de Blumenau. *** Na ESCADARIA da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, realizou-se uma concentração promovida por cinco sindicatos locais, num movimento denominado "Dia Nacional de Protesto Contra os Juros Altos, a Recessão e o Desemprego. Começou às 9 horas e só terminou às 16 horas.

— DIA 18 — Lei sancionada pelo prefeito Renato Vianna e de autoria da vereadora Yara Luef, proibiu definitivamente o tráfego de ciclistas e patinadores sobre as calçadas da cidade, dando assim total prioridade aos pedestres. Cada desobediência resultará em multa de R\$ 22,95 e apreensão do veículo ou patins.

— DIA 19 — Na Escola Básica "Machado de Assis", foi comemorada festivamente a passagem dos 89 anos de sua fundação, começando com a execução do Hino Nacional às 8 horas da manhã.

— DIA 20 — É destaque na imprensa (JSC), a presença em Blumenau dos estudantes alemães de técnica florestal Reiner Behringer e Sascha Walter, ambos com 25 anos, que vieram estudar a classificação e identificação de cerca de 2,2 mil espécies das nossas florestas. *** RELATÓRIO apresentado, mostra o êxito da multivacinação em Blumenau, que atingiu 22 mil crianças.

— DIA 22 — Às 15 horas aconteceu a solenidade de abertura da Quinta Feira Brasileira de Máquinas (BRASILMAQ) nos Pavilhões da PROEB, com a presença de 180 fornecedores inscritos. *** Às 20 horas, no Teatro Carlos Gomes, o artista Egon Moscorz inaugurou sua exposição de Artes Decorativas, em prol da ABAM. *** Na Biblioteca Central da FURB, aconteceu atraente concerto com a Orquestra Feminina de Câmara de São Bento do Sul, regida pelo maestro e professor de música Frank Graf. Também apresentou-se o Grupo Coral e Musical Edelweiss, sob a direção da maestrina Leoness Rudnik, com o espetáculo NOITES DE S. BENTO DO SUL. *** É destaque na imprensa (JSC) a programação da 31ª. edição da Semana Portadora de Deficiência (APAE-Blumenau), cuja abertura na tarde do dia anterior, contou com a presença de numeroso público, inclusive autoridades do município. *** No espaço de Eventos do SESC, à rua Amadeu da Luz, foi aberta a exposição de trabalhos das artistas plásticas Lena Barbosa e Hannelore Klomfass.

— DIA 24 — A imprensa (JSC) informa que, em menos de um mês, dois operários que trabalhavam na restauração da Ponte dos Arcos, próximo à Sul Fabril, morreram afogados, ao caírem da mesma dentro do rio. *** O 23º. B.I. alistou em suas fileiras uma tropa "da pesada". Foram 105 meninos e 30 meninas das escolas locais, integrantes do Projeto "Soldado Por Um Dia."

— DIA 25 — No Centro Cultural 25 de Julho, a escritora e poetisa Grete Busse Scheltzke, lançou seu livro de poemas — o livro de seus sonhos de dezenas de anos — intitulado Folhas Soltas (em alemão Löse Blätter). Ela possui 81 anos de idade, perdeu a visão aos 25 anos ao nascer seu filho Claus. Foi, durante muitos anos, professora de datilografia e atualmente leciona o idioma alemão para numerosos alunos. Recebeu os mais entusiásticos e merecidos aplausos numa noite maravilhosa na qual compareceu grande número de amigos, convidados, inclusive autoridades municipais. Parabéns. Grete Scheltzke é a autora do Hino a Blumenau e também lançou na mesma noite o livro Nossas Canções (Unsere Lieder), com letra e música de sua autoria. *** No espaço de Arte Açu-Açu foi aberta exposição de porcelana de autoria de Atelie Heide Müller. *** No Pequeno Auditório do Teatro Carlos Gomes, aconteceu o recital de canto lírico, com a cantora Elisabeth Campos, da Mezzo-soprano Denise Patricio Hahn, do Tenor Marcos Liesenberg e do Barítono Luciano Monsqueur, cuja promoção foi da Escola Livre de Música e da Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes. *** Na desembocadura do ribeirão da Velha, apareceu, pela manhã, grande mancha negra procedente das águas trazidas pelo ribeirão, resultado de resíduos têxteis lançados naquele pobre ribeirão, cujas águas já são superpoluídas.

— DIA 26 — O Município de Navegantes comemorou com vasto programa, a passagem de seus 33 anos de instalação. *** Um Gaitaço ao Cair da Tarde, foi o espetáculo apresentado por Renato Borghetti, no Bistrô 69 do Shopping Neumarkt.

— DIA 27 — Promovido pela FURB, realizou-se no Pavilhão "Galegão", um grande Encontro de Danças Folclóricas, reunindo diversos grupos dos Estados do Sul, mostrando ao grande público presente as tradições das etnias brasileira, alemã, italia-

na, judaica e mexicana. Uma grande promoção artística e tradicional, sem dúvida.

— DIA 29 — É destaque na imprensa a conquista da equipe de ginástica rítmica desportiva da Fundação Municipal de Desportos de Blumenau, como vencedora do Estadual Infantil realizado neste final de semana no ginásio do SESC. *** Ciclistas fazem manifesto contra a lei que proibiu a circulação de bicicletas nas calçadas. *** Um incêndio de causas desconhecidas, destruiu cerca de 40 mil metros quadrados no morro localizado nos fundos da fábrica Sul Fabril, à rua Itajaí. *** No La Francine, à rua Joinville, Vila Nova, a artista Rosi Maria Winkler inaugurou uma exposição de seus trabalhos, intitulada "Visão e Poesia da Cor."

— DIA 30 — O Sindicato dos Hoteleiros de Blumenau informa que os hotéis da cidade já se acham lotados com pedidos de reserva para os 18 dias de festa da Oktoberfest. *** No Auditório do Grande Hotel Blumenau realizou-se a solenidade de abertura do 21º. Congresso Nacional de Recursos Humanos (CONARH), promovido pela Associação Brasileira de Recursos Humanos.

— DIA 31 — Em meia hora, as crianças escolares que realizaram pedágio contra o cigarro, conseguiram recolher de motoristas fumantes nada menos do que 50 (cinquenta) maços de cigarros. Os estudantes realizaram excelente trabalho de conscientização anti fumo. Parabéns. *** As vinte horas, na Câmara Municipal de Vereadores, aconteceu importante solenidade na qual foram homenageadas três figuras de destaque em Blumenau: o poeta Lindolf Bell, o desportista José Carlos Ubiratan da Silva Jatahy e o professor de educação física Edgar Arruda Salomé, que receberam o título de Cidadão Blumenauense, em reconhecimento por importantes serviços prestados a Blumenau durante longos anos que aqui vivem. *** Na Galeria de Artes da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foram inauguradas exposições em dois espaços, pela artista italiana Manuela D'Aiuto e o blumenauense César Otacílio.

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

(Segunda Parte)

ELLY HERKENHOFF (*)

Após a abolição da escravatura dos indígenas e do tráfico de negros africanos, conforme demonstração no capítulo anterior, o contingente de escravos no Brasil atualmente se recompõe apenas por si próprio, segundo o velho princípio romano, ao mesmo tempo o princípio jurídico de toda a instituição: «o filho segue a mãe», isto é, os filhos de mulher escrava são escravos — não importa quem seja o pai. Basta, porém, que a mãe, durante o ato de concepção

ou do nascimento do filho ou mesmo durante a gravidez tenha sido l'berta, para que o filho seja considerado livre. Um homem livre ou alforriado não poderá voltar à escravidão. Por outro lado, segundo a Legislação portuguesa, vigente no Brasil (Ord. Lv. 4 Tít. 63 Parágrafo 7) há casos em que um alforriado poderá perder a liberdade, sobretudo em consequência de ingratidão ao senhor. No entanto, como o Art. 7 da Constituição, que trata dos motivos que poderão le-

var à perda da cidadania brasileira, nada menciona a respeito, é de se crer que a antiga legislação portuguesa tenha caducado neste particular. O mesmo item se relaciona, decididamente, com outros dispositivos enumerados na legislação do Imperador Justiniano.

Caso hoje em dia alguém se quisesse vender como escravo, a fim de conseguir dinheiro do comprador, não se tornaria escravo, como no tempo dos antigos romanos, mas seria processado por fraude, pelo fato de ser a liberdade um direito absoluto e inaliável. Um pai que, mesmo em situação de extrema penúria, quisesse vender o seu filho como escravo, seria condenado a prisão de 3 a 9 anos, além de multa em dinheiro, juntamente com o comprador e quaisquer pessoas envolvidas na transação, que seria absolutamente anulada.

Segundo a legislação romana, os escravos não eram considerados pessoas humanas, mas sim objetos e vistos como uma espécie de animais domésticos. Tal jurisprudência há muito já se acha caducada e a legislação brasileira os considera pessoas humanas, às quais se reconhecem até certos direitos, como a proteção das autoridades em vários casos. Com base na Legislação, contam-se entre tais direitos:

1 — Os escravos poderão conseguir a alforria pela aquiescência expressa ou silenciosa do senhor. A aquiescência expressa consiste na carta de alforria, firmada em cartório ou por alforria concedida em testamento ou legado ou até mesmo por documento particular ou ainda por declaração formal do senhor, perante 5 testemunhas. Considera-se aquiescência silenciosa, nos seguintes casos: enjei-

tar uma criança escrava abandonada ou escravo enfermo, obrigar uma escrava à prostituição, aceitar o preço de venda de um cativo, casar uma escrava com um homem livre, concedendo-lhe um dote, reconhecer em ato público um escravo como filho, rasgar o seu título de propriedade ou entregá-lo ao escravo ou instituir o cativo seu herdeiro, etc.

2 — O escravo pertencente a vários donos, poderá, no caso de adquirir alforria da parte de um dos donos, obrigar os co-proprietários a aceitarem a cota em dinheiro de seus direitos, conseguindo assim a alforria.

3 — Escravos na Nação, pertencentes ao Governo, deverão ser alforriados, desde que pagarem o seu preço, estabelecido por um avaliador nomeado pela Tesouraria ou em caso de prestarem relevantes serviços ao Governo.

4 — Caso os escravos — sem dono — forem a leilão público, terá prioridade a oferta em benefício de sua alforria, mesmo sendo esta oferta apenas equivalente ao preço estabelecido pelo avaliador.

5 — Os escravos poderão forçar judicialmente a sua venda de um dono a outro em caso de serem comprovadamente maltratados ou excessivamente espancados. Nestes casos, os donos ainda estão sujeitos à pena, sendo que a legislação municipal encarregará as Câmaras Municipais de cuidar para que os cativos não sejam demasiadamente flagelados, podendo incluir em suas posturas diversas cláusulas em benefício dos escravos, contra maus tratos.

6 — Em casos especiais, o Governo poderá expropriar e alforriar escravos, conforme ocorreu durante a revolução no Rio Grande do Sul, onde escravos serviram

como soldados ou durante a Guerra do Paraguai, pois a farda, veste de honra, jamais poderá cobrir um cativo.

7 — Os escravos têm ainda o direito ao casamento com parceiro livre ou escravo, assim como também lhes é facultado o direito de receber quaisquer outros sacramentos — mesmo sem permissão do senhor — exceto a ordenação sacerdotal.

8 — Os escravos poderão se apresentar perante o juizado, acompanhados de um curador, como acusante ou acusado, em causas religiosas ou matrimoniais ou ainda em defesa de sua alforria.

9 — Os escravos poderão se pronunciar perante o juizado, embora tão somente como informantes e não como testemunhas — até mesmo contra os seus próprios donos, neste último caso, as autoridades judiciais deverão exigir do proprietário um compromisso de segurança, assinado de próprio punho ou seja, o compromisso de não se vingar do escravo por meio de maus tratos e no caso de não observância do compromisso, o escravo em questão terá o direito de exigir a sua venda a outrem. A legislação do País aliás, estabelece várias leis básicas, que poderão eventualmente beneficiar o escravo, quando alforriado. Segundo aqueles direitos adjetivos, a liberdade é uma prerrogativa natural do homem e as razões a seu favor são mais poderosas e mais merecedoras de atenção do que as razões a favor da escravatura. Ainda segundo os mesmos princípios, para a liberdade de uma pessoa humana sempre existe a jurisprudência, sendo que a prova em contrário cabe a quem a pretenda contestar. Deste modo, as queixas e as exceções em prol da liberdade

de qualquer pessoa são fundamentadas em vários privilégios e o governo repetidas vezes tem oposto exceção, em casos especiais, visando proteger a alforria e defender escravos contra os maus tratos de seus donos. Em concordância com aquelas leis básicas, os escravos libertos por testamento, mas ainda compromissários a determinados serviços, estão isentos do pagamento de direitos e os escravos alforriados por testamento, não poderão voltar à escravatura — mesmo que este fato resulte em prejuízo para os herdeiros — mas terão de cobrir o dano na partilha, com o produto de seu trabalho.

Por outro lado, os escravos continuam sujeitos a certas restrições e medidas preventivas, como as seguintes :

1º. — Em caso de cometerem algum crime, estão passíveis de penas diferentes daquelas impostas ao cidadão livre. O Art. 60 do Código Penal reza o seguinte: «caso o acusado for escravo e condenado, que não seja à pena de morte ou grilhão, ele será condenado à chicotadas e em seguida entregue a seu dono, que se comprometerá a deixá-lo atado à grilheta, pelo espaço de tempo e pela maneira determinados pelo juiz. O número de chibatadas será determinado pela sentença judicial, não podendo ultrapassar o número de cinquenta por dia». — A punição será mais rigorosa e o processo permite menor número de recursos, quando se tratar de crime cometido pelos escravos contra o seu dono ou de pessoas de sua família ou de seus hóspedes ou ainda do seu feitor ou administrador. O crime de furto, quando cometido por escravo, será considerado roubo.

2º. — Os escravos não poderão viajar sem passaporte, mesmo

quando acompanhados de seu dono, a não ser que sejam conhecidos das autoridades do local ou então quando duas pessoas de idoneidade, ali estabelecidas, por eles se responsabilizarem ou ainda quando se tratar apenas da viagem entre duas fazendas ou duas vilas vizinhas. Esta exigência do passaporte também se aplica, tanto aos alforriados como aos africanos livres.

3º. — Tanto os juizes de paz como as autoridades policiais deverão agir com o máximo rigor contra os quilombos, evitando a sua formação ou aniquilando os já existentes. Estão igualmente proibidas as aglomerações de escravos em maior número, para divertimento ou distração, sendo que as posturas das câmaras municipais contém dispositivos detalhados neste sentido.

4º. — Os serviços de escravos estão proibidos nas repartições públicas, sendo vetado aos funcionários ali utilizarem os seus cativos. Do mesmo modo está proibida a manutenção de escravos nas colônias e tampouco deverão ser empregados na construção de estradas de ferro.

5º. — Nas cidades e vilas, os senhores são obrigados ao pagamento de uma anuidade por cada escravo adulto, assim como também deverá ser pago, em caso de venda, o imposto provincial de 5% — a chamada a meia cisa — sobre o preço de venda do escravo. Além desses encargos, os governos provinciais ainda cobram impostos sobre o tráfico interprovincial. Em Santa Catarina, o imposto sobre a venda de um cativo para outra província, é de 200 mil réis. A Câmara Provincial do Rio Grande do Sul aboliu o imposto sobre a venda interprovincial, crian-

do ao mesmo tempo o imposto sobre a importação naquela Província. A venda de um escravo deverá ser concretizada por escritura pública, lavrada em cartório. Finalmente, o Governo está autorizado a vender, em leilão público, escravos da Nação, que não mais quiser.

No que se refere à posição social dos cativos, esta não é, no Brasil — com exceção talvez de algumas poucas grandes fazendas, onde há um excessivo amontoamento — nem de longe comparável ao que foi o estado de coisas reinante. por exemplo, no Sul dos Estados Unidos da América — fato que já se evidencia pela não existência de qualquer discriminação na sociedade, em razão da cor, à qual não se dá muita importância. Negros e mulatos — sobretudo estes últimos, devido à sua faculdade de percepção e vivacidade de espírito — alcança os mais altos cargos públicos.

A brancura da pele ou a descendência européia não conferem títulos de nobreza na sociedade — conforme se verificam na América do Norte, na Índia Ocidental e nas colônias de países europeus. Este fato beneficia bastante os escravos, já porque ninguém se acanha em conversar com eles, de passagem, lidar com eles ou estar em sua companhia. Acresce ainda, que o brasileiro não é cruel e trata bem os seus cativos, considerando-os mais como empregados domésticos, embora levado um pouco pelo egoísmo. Consciente do capital que o cativo representa, ele cuida para não diminuir o seu valor, ainda mais em face do aumento contínuo do preço dos escravos. Devido à indolência de muitos brasileiros, frequentemente um escravo esperto chega a dominar seu

dono, fazendo-o de tal modo dependente, que na realidade é ele, o cativo, o dirigente da casa. Também é fato comprovado, que muitos escravos não são tão pobres como seria de se acreditar. Nas cidades sempre sobram bastante gorjetas para qualquer escravo ativo, quando pertencente a um senhor de poucos recursos, que deixa sair livremente os seus cativos, para trabalharem fora, contra a entrega diária de determinada quantia preestabelecida. E como, além disso, costumam ter um dia livre por semana a sua inteira disposição, acontece em muitos casos, que vão acumulando uma verdadeira fortuna, com a qual compram a sua alforria ou então instalam uma loja, sob a firma de seu senhor. No interior do Império há muitos casos em que o senhor lhes doa uma área de terra para cultivo, cujo lucro reverte inteiramente em benefício do escravo. Também no interior, costumam ter um dia livre na semana. Não se trata evidentemente, de direitos legalmente adquiridos e sim de um simples costume, que se foi introduzindo ao longo do tempo, e que demonstra, mais nitidamente ainda que as leis promulgadas, a situação suportável dos escravos no País, em muitos casos até mesmo semelhante à plena liberdade. Como, além do mais, o senhor tem

encargo de fornecer alimento e roupas ao cativo, a relação entre ambos é mais segura e mais vinculatória do que o simples relacionamento com empregados, podendo se tornar assim realmente onerosa para o escravagista.

No entanto, por mais que a legislação e os usos e costumes tenham contribuído para aliviar a sorte dos escravos, toda a instituição é tão imoral e anti-cristã e tantos são os perigos que traz para a moral, para a sociedade e para o País, que não mais se coaduna com as bases sobre as quais estes se apóiam. O Brasil, que se tem em conta de país constitucional e civilizado, não mais poderá adiar por muito tempo a abolição do objeto sistema. Esta convicção tem se aprofundado e enraizado, mais e mais, no seio de toda a população — fato este que nunca será demais enaltecer. Está se pensando seriamente na remoção desta herança de séculos passados e vergonha dos tempos atuais. Ninguém mais duvida que ela terá de desaparecer. Há divergências de opiniões apenas a respeito do «quando» e do «como». A este respeito, mais detalhes no próximo artigo.

(Final da Segunda Parte)

(*) Elly Herkenhoff, historiadora e tradutora do Arquivo Histórico de Joinville, é autora de vários livros.

Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

COLONIA SANTA ISABEL

Toni Vidal Jochem (*)

(Continuação do nº. anterior)

Seguindo a cronologia apresentada por Mathias Schmitz, somos levados a crer que houve um equívoco com relação a datas estabelecidas apresentadas em

sua crônica. Vamos ao texto: nosso cronista cita 28/12/1846 como data de chegada a Desterro. Relata literalmente que “estávamos já, mais ou menos, há dois

meses na cidade" aguardando a ordem de embarque com destino ao núcleo colonial. Esse "mais ou menos dois meses" coincide com o fim do mês de fevereiro ou início de março de 1847. Considerando a data de chegada ao barracão comum "exatamente antes da Festa do Espírito Santo" supomos que houve um equívoco, pois a Festa do Espírito Santo (Petencostes) é, por tradição, realizada cinquenta dias após a Páscoa, e jamais essa festividade ocorreria aleatoriamente em março. Faz sentido pensar que Mathias Schmitz não fazia parte da primeira leva de imigrantes, o que aumenta a probabilidade dos dados expostos em sua crônica. Entretanto usa a primeira pessoa no plural e narra como "nós"; veja esse exemplo: "nesse mesmo dia a nossa bagagem foi levada a bordo de um lanchão..." E esses imigrantes foram os primeiros a se instalarem em Santa Isabel. Esse suposto equívoco com relação a datas, inviabiliza a determinação exata da fundação da Colônia.

A DEMARCAÇÃO DOS LOTES COLONIAIS

Ao chegar ao barracão comum, o Governo determinou a demarcação das terras para que nelas os imigrantes pudessem fixar residência e extrair seu sustento. Mathias Schmitz descreve os detalhes da demarcação:

"... depois dos terrenos demarcados, cada família recebeu o seu lote. Quanto maior a família, maior era a área do terreno. Moços solteiros recebiam 100 braças de frente por 1000 de fundos (200 morgos = 50 hectares). Chefes de família recebiam 125 a 200 braças de frente por 1000 de fundos, conforme a quantidade de dependentes. Assim, cada qual de posse de um pedaço de terra que podia chamar de seu, começou a tratar de fazê-lo produzir para não ter que sofrer mais tarde. Enquanto as mulheres e as crianças ficavam no acampamento, os homens com os filhos e filhas mais crescidos iam para as suas propriedades a fim de torná-las habitáveis. Providos de machado, foi-

ce e facão, cada qual com sua carga de mantimentos às costas, marchavam mato a dentro até os seus terrenos. Lá construíam, primeiramente, um pequeno rancho para o qual o mato fornecia tudo. Depois ocupavam-se de preparar um pequeno trato de terra para a plantação. Enquanto os filhos menores derrubavam os arbustos e pequenas árvores, os pais punham a baixo, a machadadas, os gigantes da floresta e as filhas cuidavam da cozinha. Nesse trabalho decorriam semanas até que um bom pedaço de mato estivesse derrubado. A espingarda nunca ficava longe da mão. Seguidamente matava-se caça de pena, ou, às vezes, até um macaco fornecia carne boa para a alimentação. Cobras, que antes arrastavam-se sem serem molestadas, eram mortas com um tiro ou com uma cacetada. Tão logo o mato derrubado estivesse seco e o tempo fosse favorável, queimava-se a roça. Era uma beleza ver como o fogo levantava labaredas até a copa das mais altas árvores que haviam ficado de pé. Depois, escolhia-se um lugar próximo a uma fonte d'água, o qual era limpo e preparado para se construir ali uma casinha para toda a família. Buscavam-se moirões que eram enterrados e depois folhas apropriadas de uma espécie de palmeira, próprias para cobertura. Logo após faziam-se as paredes com ripas amarradas com cipó, as quais eram, então, cobertas com barro amassado. Em pouco tempo a casinha estava pronta. Transportar, depois, os móveis para a Colônia não era tarefa fácil. Como o caminho do acampamento para a Colônia ainda não havia sido construído, não passando de uma picada muito primitiva, não se podia pensar em transportar os nossos trastes em carroças ou em lombo de burro. Tudo tinha que ser conduzido nas costas por várias horas. Enquanto as mães levavam os filhinhos no colo, ou uma cesta com roupa de uso, as filhas carregavam as roupas maiores ou alguns baldes e panelas enfiados no braço, o pai e o filho mais velho seguiam atrás carregando um pesado caixão amarrado a um pau que levavam nos

ombros. Como tudo tinha que ser transportado dessa maneira para a Colônia, passava-se muito tempo até que o último objeto estivesse em casa. Mas, afinal, tudo ali estava e a família começava, então, a semear e a plantar verduras e cereais, preparando-se para enfrentar o futuro.

Nos primeiros anos, certamente, as coisas não iam às mil maravilhas; passava-se muita necessidade, mas depois de algumas colheitas, tudo melhorava. Dia após dia a clareira na mata virgem ia se alargando e tomando forma; cada vez se plantava mais e a fartura ia se acentuando entre os moradores (...)" (14)

A fundação da Colônia Santa Isabel efetivou-se inicialmente com imigrantes vindos em três remessas. A primeira chegou a Desterro em 28 de dezembro de 1846, no bergantim "Vênus", com 114 pessoas; a segunda aportou na sumaca "14 de Novembro", em março de 1847, com 79 imigrantes; e a terceira na galeota belga "Jean de Lacquenghien", com 64 imigrantes (13 famílias e 3 homens solteiros), sendo todos protestantes. Estes últimos, segundo o jornal de bordo publicado em Antuérpia, no dia 12 de junho de 1847, destinavam-se à Província do Rio Grande do Sul, para onde, de fato, se dirigiram os outros 27 imigrantes, do total de 91, que vieram com a galeota belga. Visto haver entre eles grande número de pessoas de uma só família, de sobrenome Bauer, a linha onde foram estabelecidos, na Colônia Santa Isabel, ficou denominada de "Bauerslinie". As três listas somam 257 imigrantes, mas apenas 164 se estabeleceram oficialmente na Colônia (15). Os demais 93 imigrantes se estabeleceram em regiões vizinhas bem menos íngremes e sáfaras, como Palhoça, São José e Desterro.

Jacinto Antônio de Mattos escrevendo sobre a Colonização do Estado de Santa Catarina, assim redige sobre os primórdios da Colônia Santa Isabel:

"A distribuição (da terra) foi em sortes, sendo a primeira, ao lado direito de

quem entra pela estrada, e da parte norte; o segundo colono na primeira do lado esquerdo, e assim por diante, de modo que as sortes 1ª., 3ª., 5ª., 7ª., etc. ficavam ao lado direito em seguimento, da parte do norte; a 2ª., 4ª., 6ª., 8ª., etc. ficavam da parte sul, lado esquerdo" (16).

AS PRIMEIRAS DIFICULDADES

Depois de terem recebido suas parcelas de terra, foram abandonados à própria sorte, sozinhos e indefesos naquela zona de florestas virgens. Desenganados e desiludidos diante de uma leviana propaganda internacional da época do Império, esse grupo de imigrantes germânicos teve de fazer, necessariamente, da força do trabalho a sua única riqueza e seu maior triunfo. Felizmente acharam algum auxílio nos colonos que habitavam a Colônia Vargem Grande, até que o Governo Imperial regulamentasse a continuidade da concessão do auxílio de 160 réis diários por habitante; a quantia recebida garantia tão somente a alimentação dos imigrantes. E com relação as demais necessidades? O que fazer? A religião e a etnia comum a todos, nesse momento, tiveram especial realce e

"irmanaram fortemente os estranhos em meio às clareiras da selva, obrigando-os a transplantar em terras exóticas, se não materialmente por impossibilidade, pelo menos espiritualmente, o seu torrão natal, através das respectivas usanças e tradições". (17)

Os colonos enfrentaram nos primeiros anos inúmeras dificuldades e alguns ficaram completamente desencorajados. A grande maioria, porém, homens diligentes e acostumados ao trabalho, sabendo que dependiam unicamente de seu esforço físico para progredir, trabalharam com inesgotável energia e vigor e, em poucos anos, venceram os principais obstáculos a eles impostos. A terra da nova Colônia, além de montanhosa, deixava a desejar com relação à sua fertilidade. Mesmo assim arroz, milho, mandioca, batata e feijão forneciam consideráveis colheitas.

O Presidente da Província de Santa Catarina, Anthero José Ferreira de Britto, em seu relatório datado de 1848, assinala a fundação do núcleo colonial Santa Isabel, enfatizando que a recém-fundada Colônia é constituída por famílias alemãs, todas bem comportadas e muito trabalhadoras; como administrador cita o Coronel Joaquim Xavier Neves. Com relação à distribuição de lotes de terra, o referido Presidente da Província aconselha que sejam assentados imigrantes além da Boa Vista; argumenta estarem lá os terrenos de fertilidade superiores e, por isso, apropriados à plantação e criação de gado (18).

As consequências do relevo da Colônia Santa Isabel foram de importância fundamental para a organização do espaço físico campestre. O espaço físico em que se instala um grupo de pessoas é por ele organizado de modo a atender suas elementares e vitais necessidades. As lavouras, as estradas, as povoações, as obras públicas que testemunham as atividades coletivas refletem na organização do espaço físico, de acordo com sua cultura, traduzindo empiricamente a maneira de como esse grupo concebe e se situa no mundo.

A VISITA DE UM "ESTRANGEIRO"

O médico alemão Robert Avé-Lallemant, em 03 de outubro de 1858, bem armado com espingarda, pistola e facão, achava-se em viagem de Lages para Desterro, via "Caminho das Tropas". O planalto e a Serra o viajante já havia deixado para trás. Aproximava-se do litoral:

do para trás. Aproximava-se do litoral:

"à direita e à esquerda já se notavam sinais de colonização. Casas formavam um ponto brilhante no crepúsculo; tínhamos chegado à planície de Santa Catarina, onde modestos agricultores tinham-se reunido em pacífica Colônia". (19)

Nosso viajante havia chegado à Colônia Santa Isabel, e nos brinda com este feliz e histórico relato:

"Em dezembro de 1846, chegaram no navio Eridano setenta ou oitenta emigrantes alemães ao Rio de Janeiro. Ninguém os havia chamado e ninguém sabia o que fazer com eles. Esperavam sós e abandonados, e teriam ficado sem teto sobre a cabeça não lhes tivesse sido emprestado o rancho onde se guarda lenha dos vapores que iam constantemente até Praia Grande (hoje Niterói).

Foi lá que eu os encontrei. Tristonhos, alguns doentes, fiz por eles o que pude. Tive, inclusive, que auxiliar uma mulher que estava em dificuldades para dar à luz em plena rua. Mas o rancho estava sendo necessitado, e assim os emigrantes tiveram que ficar quarenta e oito horas ao relento no largo do Paço, sendo que ainda por cima foram acometidos por uma terrível tempestade de verão. Teriam ficado sem moradia, não fosse o dono do Hotel Pharoux e outros lhe ajudarem. Após onze dias nesta triste situação, a maioria foi levada às províncias do sul por um navio de guerra brasileiro. Nada mais soube deles.

Continua no próximo número)

REGISTROS DE TOMBO DE RODEIO (VI)

Pe. Antônio Francisco Bolm

Ano de 1932

1. Licença para admissão na Igreja Católica, em 26.06.
- 2.3. Dispensas matrimoniais, em 26.04.
4. Provisão de coadjutores e de faculdades, em 20.02.
- 5.8. Licenças para celebração de missas, bênção de capelas e Via-Sacras, em 18.05.
- 9.12. Licenças para bênção de nova Igreja de Santa Maria (11.06), Bênção dos sinos (03.08), procissões (12.9) e

Festas de Cristo Rei (04.10).

13. Movimento religioso de 1932: Escolas Paroquiais, Capelas (Diamantina, São Virgílio, Santo Antônio e Santa Maria). Banco da Comunhão, Matriz embelezada. Dispensas e provisões.

Ano de 1933

- 1.4. Provisões de: celebração de missa (10.01), bênção da imagem de S. Antônio (08.02), imagem de N. Senhora (18.02) e coadjutores da paróquia (10.02).
5. Aprovação da construção de uma

torre na capela de Pinheiro, em 10.02.

6.16. Provisões de: Faculdades (10.02), de vigário missionário (10.02), Capelas (10.02), Fabriqueiros (03.3), Admissão na Igreja católica (04.03), consanguinidade (07.04), Celebração de missas (25.04), matrimônio misto (21.04).

17.27. Provisões de: dispensa de proclamas (15.05), procissões (22.05), celebração de missas (30.05), bênção de imagens (20.06), bênção de novas capelas (27.08), visitas anuais às capelas (05.08), procissão com imagens (01.07), procissões (05.08).

28. Movimento religioso de 1933: Edifícios novos, casa das catequistas, capelas, reconstruções, visitas às capelas de São Virgílio, São Roque, Santa Maria, Pinheiro, Forcação, Piave. Retiros na Paróquia, Confissões (25.726), Comunhões (73.481), 1^{as}. comunhões (107), Visitas aos doentes (92), Casamentos (55), batizados (332).

Ano de 1934:

1.2. Permissões para: construção de capelas (04.03) e bênção da nova capela de Warnow (16.03).

3.4. Provisões de faculdades A e B, em 21.02.

5.6. Provisões de coadjutores e capelas, em 28.02.

7. Donativos para a capela de Santo Estanislau, em Pinheiro em 21.02.

8.11. Licenças para: casamento (22.04), venda de terreno (25.04), celebração de missa (05.05), procissão (05.05).

12.19. Licenças para: Bênção de imagens (05.05), consanguinidade (06.01), confessor ordinário das Irmãs da Divina Providência (28.02), confessor extraordinário (08.02), "mixtae religionis" (01.06), administração dos sacramentos (08.08).

20. Autorização de faculdades ao vigário e coadjutores, em 28.02.

21. Licença para erigir e benzer Via Sacra em Rio Scharlach (06.11).

22.25. Provisões para: mixta religião (06.07), duas procissões (27.08), admissão na Igreja Católica (13.09), coadjutor (20.09).

26.28. Licenças para: conservar o SS. Sacramento na capela das Irmãs catequistas (02.10), erigir a Via-Sacra na nova capela das Irmãs (02.10), celebrar e administrar os sacramentos (24.09).

29. Retiros realizados na Paróquia durante o ano.

30. Missões realizadas durante o ano.

31. Informações sobre as capelas de Piave e Benedito (sem data).

32. Visita de Dom Pio à Heimat (sem data).

33. Luz elétrica na capela de S. Antônio,

e referência aos benfeitores (sem data).

34. Visita de Fr. Serafino Lunter, visitador geral, em maio.

35. Jubileu de Fr. Lucínio, em 29.05.

36. Informações sobre as capelas de: Ipiranga, Benedito, Rio Ferro, Rodeio Novo.

37. Reformas na casa das catequistas.

38. Retiro das catequistas com Pio de Freitas.

39. Movimento religioso de 1934: Visitas aos doentes (127), 1^{as}. comunhões (187), confissões (31.420), comunhões (80.535), batizados (342), casamentos (53).

Ano de 1935:

1.10. Provisões de: vigário e coadjutores (28.02), faculdades (28.02), comunicação de faculdades (22.02), capelas (21.02), fabriqueiros (23.02), bênção de via-sacras (06.04), dispensas matrimoniais (06.04), mixtae religionis (20.05), celebração de missa em casa particular (20.05), bênção do aumento da Igreja de São Virgílio (12.06), procissão (12.06).

11.23. Licenças para: conservação do SS. Sacramento (08.06), bênção e aumento da capela (12.06), procissão (12.06), celebração de missa (12.06), compra de sinos (17.06), dispensas matrimoniais (17.06), procissão com o SS. Sacramento (17.06), exposição do SS. Sacramento (23.07), celebração de missa em casa particular (17.08), aumento de escola (29.08), bênção de sinos (29.08).

24. Ordem para que se construa uma Igreja em Timbó, em 29.08.

25.32. Sobre as capelas de S. Roque, S. Maria, Piave, Pinheiro, S. Virgílio e Rio Ferro (em diversas datas).

33. Sobre imagens na matriz, em 22.10.

34. Provisão para celebração dos sacramentos, em Warnow Pequeno, em 22.10.

35. Permissão para celebração de missa em casa particular em Timbó, em 05.11.

36. Celebração da 1^a. Missa em Timbó, em 10.12.

37. Associação das catequistas, em 19.07.

38. Falecimento do Pe. Agnellus Topheide, em 26.12.

39. Pia União de Santo Antônio. Homílias sobre a santificação do Dia do senhor (sem data).

40. Relatório Paroquial de 1935: Batizados (342), matrimônios (68), confissões (30.100), comunhões (73.543), 1^{as}. comunhões (210), visitas (168).

Ano de 1936:

1. Renovação das provisões, em 28.02.

2.3. Dispensas matrimoniais, em 31.01.
4. Licença para celebrar e administrar os sacramentos em casa particular, em 12.02.

5.6. Dispensas matrimoniais, em 14.05.
7. Licença para compra de uma máquina, em 16.05.

8.9. Provisão de coadjutores (28.02) e Licença para a celebração de missas (19.05).

10.11. Dispensas matrimoniais, em 07.06.

12.13. Licenças para bênçãos de ima-

gens, em 07.06.

14.15. Provisões para coadjutor (27.07) e vários atos de culto (28.02).

16.18. Licenças para: celebração de missa campal (12.07), pregação das missões (03.07), e alteração da casa das catequistas (11.11).

19.21. Provisões de dispensas matrimoniais, em 09.12.

22. Chegada de Pe. André para a administração, propagação das 1^{as}. Eucaristias. Missões. Capelas e matriz. 1^a. Missa solene de Fr. Virgílio Berri.

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges (Continuação)

B1-139 — Arbogastro Zeno Kehrig, n. 14/02/1902, RC., Spa — (21V-99), a 16/02/1902, f. Pedro Martin Kehrig, n. 1879 e Maria Luisa Sens n/p Pedro Estefano Kehrig, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 n/m Matias Gil Sens e Catarina Gorges.

B2-140 — Estefano Eleutério Kehrig, n. 14/11/1904 — RC., Spa, 24/12/1904 — (30-138), f. Pedro Martin Kehrig e Maria Luisa Sens.

B3-141 — Eleonora Kehrig, n. 20/01/1906, f. Pedro Martin Kehrig e Maria Luisa Sens — RC., Spa, 25/01/1906 — (32-158).

B4-142 — Lino Aquino Kehrig, n. 14.06.1907 — RC., Spa, 20.06.1907 — (34V-179), f. Pedro Martin Kehrig e Maria Luisa Sens.

B5-143 — Irina Lídia Koerich, n. 27.03.1914 — RC., Spa, 31.03.1914 — (47V-277), f. Pedro Martin Koerich e Maria Luisa Sens — n/p Pedro Estefano Koerich, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841.

N8-20 — José Francisco Kehrig, n. 06.04.1881, Bat. 6 T, 12.06.1881 — fl. 65, nº. 93, (9) — +, f. Pedro Estefano Kehrig, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 — n/p Estevão Kehrig, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — n/m João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — cc Apolônia Prim, n. 25.07.1887 — 1^a. esposa), f. Miguel Prim e Madalena Reitz, f. Pedro Reitz, n. 25.11.1832 e Maria Ana Arens, n. 28.04.1838, f. Pedro Arens, n. 1802 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — viúva de João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791) — Fi — Fruto da Imigração de Pe. R. Reitz, fl. 101 — N 5, F1, I Ramo. Teve 19 filhos.

B1-144 — Maria Dorvalina Koerich, n. 22.10.1904 — cc Synphoriano Gerent, n. 1897, (tio) — f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Maria Longen, n. 1859 — n/m Pedro Longen, n. e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821. Teve 5 filhos.

T1-108 — Lindolfo Gerent — cc Ema Nobilis.

T2-109 — Olívia Gerent — Itup. — cc Balduino Sens.

T3-110 — Ereneu Gerent — Itajaí — cc Olinda França.

T4-111 — Maria Olindina — Irmã Zenilda, + 20.12.1986 — Bl., Div. Providência.

T5-112 — Antonio Gerent — cc Elza Romão Silva.

B2-145 — Bertoldo Vitorino Koerich, n. 21.10.1905, f. José Francisco Koerich, n. 06.04.1881 — cc Apolônia Prim, n. 25.07.1887 — n/p Pedro Estefano Kehrig, n. 1838 e cc Margarida Schmitt, n. 1841 n/m Miguel Prim, e cc Madalena Reitz — cc Filomena Hoffmann, f. Nicolau Egídio Hoffmann, n. 04.06.1886 e Margarida Gorges, n. 20.05.1873.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Pául; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breilkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.